

Theodoro Sampaio



As INSCRIÇÕES LAPIDARES

da Egreja de N. S. da Victoria
da cidade do Salvador da Bahia
de Todos os Santos.

Memoria lida no Instituto Historico
e Geographico da Bahia



SÃO PAULO
Escolas Profiss. Salesianas
1810

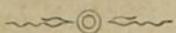
ao distincts Collega Dr. José Antônio Costa
offere

© auto

Bahia 3/10/1910

Dr. Resicbs
lata vrsch s/cantos

THEODORO SAMPAIO



As Inscrições
lapidáres

da Egreja de Nossa Senhora da
Victoria

na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos



*Memoria lida no Instituto Histórico
da Bahia*



1910
ESCOLAS PROF. SALESIANAS
SÃO PAULO

As inscrições lapidares da Egreja de Nossa Senhora da Victoria

I

Nas tradições de um povo bem como nas legendas que lhe poetisam o dispertador para a Historia ha, como se sabe, ao par da verdade velada no mysterio ou no contraditorio das versões diversas, muito do ideal e do sentir desse povo e, a bem dizer, uma parte mesma de sua alma.

A natureza que nos cerca é de facto quem nos dá a tonalidade de nosso sentir. Poetisamos ou cantamos conforme canta ou poetiza a propria natureza ao redor de nós. O aspecto risonho que ella dá á nossa terra bahiana, de horizonte amplo, intensamente illuminado sob um céo profundo e azul; o clima ameno; o pittoresco da paisagem tão varia nas praias, nas ilhas, nos montes, nas aguas, nos fazem scismadores e poetas e, por isso, cantamos ou idealisamos o nosso apparecimento na Historia, criando a legenda como ella se podia criar no meio brasilico, sob o céo da America.

No começo tudo é incerto. A legenda, a poesia cercam-nos o berço, e os factos então perdem em nitidez e precisão, esbatidos no vago e indeciso da ficção. Mas, poesia ou legenda, nem por isso a tradição de todo se apagou sob o véo diafano da phantasia; pois que através dos factos e dos individuos transfigurados ou engrandecidos se desenham, em synthese, as feições reaes de uma epoca. O simples episodio do naufragio de uma nau desconhecida, em nossas plagas, significa o alvorecer de uma civilisação. Diogo Alvares, transfigurado no *Caramurú*, feito principe entre selvicos e patriarcha, é o europeu conquistador, qual outro Cecrops de uma Athenas nova. A india *Paraguassú*,

levada á Europa, onde recebe o baptismo das mãos de um bispo, sob o patrocínio de reis que tambem testemunham o seu casamento com o homem branco, representa a nobilitação da raça da America de cujo sangue de mistura com o do europeu procedem os heroicos conquistadores dos sertões, emulos dos companheiros de Jazon, á cata do velocino de ouro.

No vulto de Moema que poetisamos desgrenhada, altiva, a bracejar com as ondas após o barco em que lhe foge o amante europeu, pômos a nota affectiva da mulher indigena, sacrificada pelo amor a civilisação nascente, amor que a escravisa e a faz morrer.

A tradição ou a legenda vai assim até a entrada do Evangelho nas nossas plagas, e assinala ahi o triumpho primeiro do Christianismo com a edificação de uma tosca ermida, assentada no cume do monte, a dominar o horizonte do mar, á entrada da Bahia, e sob a invocação de Nossa Senhora da *Victoria*, como que para significar o advento triumphante de uma fé nova.

A nossa historia começa assim. Mas si, com a poesia, com a legenda, com esse collaborar anonymous das turbas, que é a tradição mesma, a Historia ainda não é a affirmação perfeita dos successos para a edificação dos homens, ella contudo não perde o seu alvo verdadeiro — a lição moral, porque temos, para nós que a imaginação do povo, quando transfigura e engrandece os successos proprios, dá expressão instinctiva á sua tendencia para a perfectibilidade.

A historia bahiana mergulha na legenda e traz de lá o melhor de suas tradições veneraveis. Ahi, onde a critica da historia, á falta de documentos ou de provas inconcussas, não pôde penetrar, nada ha que justifique da parte do investigador a negação systematica, implicando um scepticismo que não edifica e, antes pelo contrario, annulla ou destróe o que a alma popular, nas suas tendencias

bóas, engrandeceu e elevou á sombra do mysterio e ao calor da poezia.

Não serei eu quem, á cata da verdade, nesse patrimonio que é de todos nós, ponha as mãos sacrilegas do investigador irreverente. Não é aqui intento meu o negar; mas, sim, affirmar, com a critica historica, o que se demonstrar verdadeiro, respeitando na legenda o que só a legenda, apoiada na tradição, pode explicar.

Quer a tradição que, mesmo antes da vinda do donatario Francisco Pereira Coutinho, houvesse algures, na Graça ou na Victoria, um templo ou capella por humilde que fosse.

Sabe-se que, desde muitos annos, antes da colonisação, aqui viviam entre os tupinambás da Ponta do Padrão alguns europeus em companhia de Diogo Alvares e, naquelles tempos onde quer que existisse um nucleo de christãos, era certo que, de um modo ou de outro, se erguia um altar a Deus em testemunho da fé commun.

Mas, pergunta-se, onde foi o sitio desse templo, na Graça ou na Victoria?

A tradição não é bem precisa nesse ponto; vascilla na escolha do local. Opinam uns pelo sitio da Graça e outros pelo da Victoria; mas o templo ou capella existiu. Ella o affirma.

Narremos o que diz a tradição sem discutir.

Nesse templo ou capella, em 1534 quando aqui aportou a armada de Martim Affonso de Souza, de viagem para a India, casaram-se e baptisaram-se filhos de Diogo Alvares, ministrando-lhes os sacramentos um religioso franciscano que ia na armada.

Affonso Rodrigues, natural de Obidos, foi o primeiro homem a casar-se nesse templo, e casou-se com Magdalena Alvares, uma das filhas de Diogo.

Mais tarde, em 1536, chegou o donatario e, como testemunho de accão de graças por uma victoria alcançada sobre os indios, ergueu outro templo ou capella que, ao que parece, ocupava o

mesmo sitio em que ora está a egreja de Nossa Senhora da Victoria. A tradição não explica si o donatario fez construcção nova ou si fez simples reedificação.

Correram annos, o donatario fugitivo acabou ás mãos dos canibaes de Itaparica, onde naufragára e a sua povoação de Villa Velha quasi desappareceu assaltada pelos selvagens.

O templo ou capella não se sabe se perdurou. O que se verifica, porém, de modo incontestavel é que, em 1549, quando aportou á Villa Velha a armada de Thomé de Souta com a missão de fundar a cidade do Salvador, o padre Manoel da Nobrega, que veiu na armada, dizia então para o reino em a sua primeira carta escripta do Brasil que, na povoação que antes era, achára *uma maneira de egreja*.

Como se vê desta succinta narração, a existencia do templo, o primeiro que ahi se ergueu, sae da tradição de envolta com a legenda e entra para a historia através da obscuridade onde pária indecisa. Até a fundação da cidade do Salvador, a *legenda*, a incerteza é o que se vê; depois dessa época, — a *historia*; mas a historia a traços llargos, onde os factos, em meia obscuridade, não podem avultar por falta de nitidez de contornos.

Acodiram-me todas estas considerações no momento mesmo em que, no exercicio da minha profissão de engenheiro, fui levado a presidir e a fiscalisar a reedificação da egreja de N.^a S.^a da Victoria. Percorrendo o velho templo, cuja vetustez lendaria a propria construcção aliás o não revela, iniciada já a reforma da architectura exterior com a eliminação da antiga que por nenhum lavor se recomenda, deparou-se-me na base de uma pilastre, que fica no extremo sul da fachada, uma inscripção em caracteres romanos pouco legíveis, se bem que não muito antigos, pois datam de 1809. Na sacristia, á face norte do edificio, cuja frente olha para o nascente, depararam-se-me mais

tres inscripções em pedra de jazigos, as quaes, á parte o sentimento piedoso que ellas exprimem, não são, a bem dizer, senão complementares da primeira sob o ponto de vista da historia. Foi por este aspecto que então resolvi examinar e estudar mais de perto essas quatro inscripções lapidares e assim prestar o meu concurso voluntario ao moral do templo já que, no material, estava eu a remodelar-lhe o habito externo.

II

A deliberação que tomei de escrever esta memoria ainda mais firmemente se impoz ao meu espirito, quando, ao examinar os trabalhos em andamento, vi por terra, demolido o embasamento da pilastra de cantaria, onde até ha pouco se lia a inscripção a que primeiro me referi e que então verifiquei ser a mesma que o Dr. A. J. de Mello Moraes copiou e fez publicar no seu «Brasil Historico» em 1866.

Aos vindouros talvez parecesse irreverencia destruir-se um monumento historico, qual essa inscripção era, por simples exigencia de esthetica ou por necessidade de aformoseamento; e não nos ficava bem, nem ao Rvmo. Vigario, Mr. Solon Pdreira, nem a mim, aparecermos aos vindouros como autores de um attentado contra a patria e contra a sciencia da Historia. Dahi, pois, a necessidade de explicar-me e dizer o que então se fez no intuito de evitar a destruição do monumento, e as providencias tomadas com fim de reconstituir-o em outro lugar, sem sacrificio de sua integridade.

De facto, desde o inicio das obras, que se decretou a remoção da base da pilastra com a respectiva inscripção, sem dano para esta e até, pelo contrario, com vantagem manifesta para a sua conservação. Na face norte do edificio, entre gigantes que lhe consolidam a parede, em algum tempo

abalada, se construiria um novo embasamento com o mesmo material do demolido, collocando-se as pedras da inscripção de modo a refazel-a tal qual o que dantes era. Ahí, porém, ficaria esse monumento quasi inacessivel ao publico, razão porque se preferiu reconstruir-o, na face do sul, dando para a praça, e não longe do logar que de principio occupava.

Entretanto, essa inscripção removida, bem como as tres outras do pavimento da sacristia, a que acima alludi, para quem quer que se interesse pela historia patria, bastam, por si sós, para justificar a minha resolução e o empenho que faço em colligir factos, reunir elementos, apurar datas com que elaborar a presente memoria que ora submetto á consideração do Instituto, á guiza de esboço historico da velha egreja, a qual é considerada das mais antigas do periodo colonial e, para muitos, como para o Padre Antonio Vieira, o primeiro templo que nesta terra se edificou.

Sabe-se quanto é obscura e incerta a historia dos primeiros annos da colonisação portugueza na America. Não ha documentos, não ha monumentos, não ha dados seguros que a illustrem ou esclareçam sufficientemente.

A tradição legendaria aqui se substitue á historia por toda uma metade de seculo, tornando difficult senão impossivel á critica apurar o que de verdade teria ocorrido nesse passado distante.

A historia desta egreja da Victoria, como vimos, vae mergulhar-se na legenda onde, de todo, se obscurece. Refazel-a, como o requer a critica historica, seria tentar o impossivel com os elementos existentes; esboçal-a ao de leve, isse sim, é o que vamos fazer com o concurso dos escriptores de maior auctoridade dentre os mais antigos ou coévos, com o compulsar dos roteiros, das relações dos viajantes ou navegadores, das cartas dos primeiros jesuitas que vieram para o Brasil, com os historiadores Gandavo, Frei Vicente do Salvador, o

chronista Simão de Vasconcellos, o padre frei St.^a Maria Jaboatão e outros que do assumpto se ocuparam e já agora tambem com o subsidio que se pode colher do estudo dessas quatro inscripções lapidares.

A primeira incipção, a da base da pilastra, agora removida, ja em 1866, quando a copiou ou publicou o Dr. Mello Moraes (1), offerecia difficultade na leitura, como se deprehende do texto da mesma inscripção então publicada.

O texto publicado diz assim:

«Esta I. de N. S. da Victoria foi edificada no descobrimento da B.^a: foi erecta em parochia em 1552 pelo 1.^o Bispo D. Pedro Ferz. Sardinha, foi reedificada por J.^o Corr.^a de Britto e seu irmão Manoel de Figueredo, acabou a reedificação seu sobrinho e herdeiro, cavalleiro de S. Bento de Aviz, e capitão de mar e guerra do galião N. S. do Povo em 10 de Junho de 1666. E 1809 segunda VEZ PEDI. FIC.^o PELA CONFRARIA DO Santissimo Sacramento e Bemfeiteiros Deo S. A. R. P. ESSE FIM Tres mil crusa. quando esteve na Bahia em Fevereiro em 1808.»

A inscripção que, como se vê, é um resumo histórico da construcção da egreja desde o descobrimento da Bahia até a vinda da familia real para o Brasil, já então, em 1866, se tornára illegivel, maximamente na parte final, ás primeiras palavras do periodo derradeiro, que, pelo apagado das letras, se tornou incomprehensivel. Introduzidas, porém, as correções que a critica do documento facilmente sugere, o trecho final da inscripção se restaura pelo modo seguinte:

«Em 1809 segunda vez reedificada pela confraria do Santissimo Sacramento e Bemfeiteiros. Deu S. A. R. para esse fim tres mil cruzados, quando esteve na Bahia em Fevereiro de 1808.»

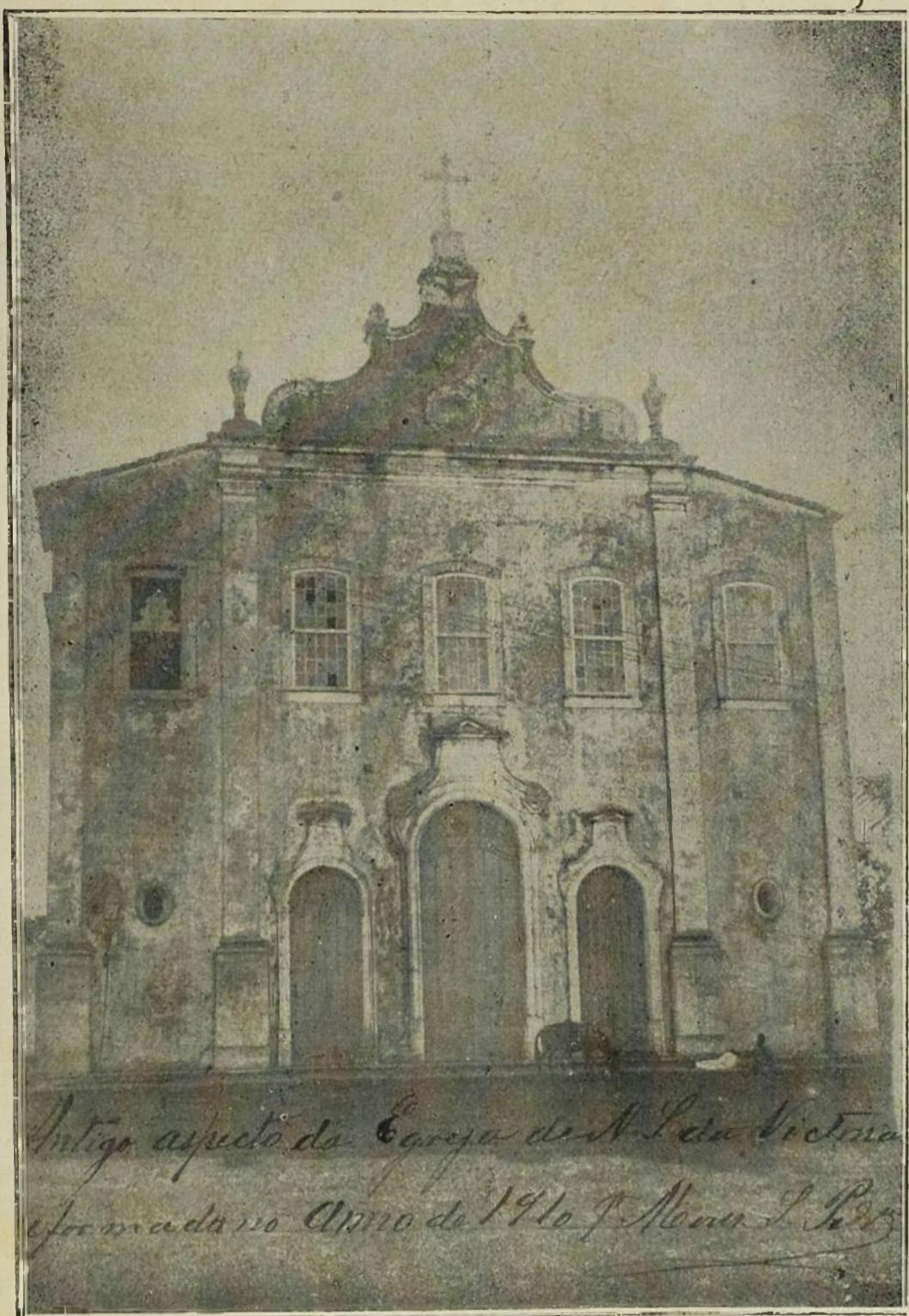
(1) Brazil Historico, 2 Serie, Tomo I. pg. 137 e seguinte.

O restante da inscripção, ou as duas terças partes della, com quanto bastante apagadas na pedra, todavia são legíveis e não offerecem dificuldade de interpretação.

A inscripção da pilastra é, portanto, de 1809, contemporanea da ultima reedificação por que passou a egreja. E' um trabalho *synthetico*, com intuito de dar a cada um o que é seu e sobretudo de restituir ao templo restaurado o prestigio de sua grande antiguidade de acordo com a tradição ou com a legenda.

Que este é o principal intuito da inscripção lapidar se verifica da concomitancia das tres outras inscripções sepulchraes no mesmo templo e num mesmo local, dispostas uma ao lado da outra, feitas todas com o mesmo material e com o mesmo caracter de letra.

Os restauradores do templo em 1809, de certo as mandaram reunir e refazer como outras tantas testemunhas probantes da alta antiguidade que se invocava. Digo aqui reunir e refazer porque evidentemente os tres jazigos, com as inscripções lapidares, de começo, não estiveram juntos; simples ossuarios que são, elles foram intencionalmente collocados a par uns dos outros, como se foram paginas de um livro de pedra em que se escrevesse a historia desse templo veneravel. O aspecto de taes inscripções não revela certamente grande antiguidade; não se vê isso nem no typo das letras, nem na gravação, nem no material que é um grês mole muito commumente empregado nas construções na cidade. Mas si, de facto, como me parece, foram em outr'ora velhas inscrições que o tempo apagou e tornou illegíveis e que os restauradores mandaram retocar ou refazer, com sacrificio da gravação primitiva e dos caracteres vetustos, então força é confessar que com isso perdeu a nossa historia tres monumentos de valor, porque o que ora ali se vê não são inscrições contemporaneas dos successos que ellas re-



Antigo aspecto da Igreja de N. S. da Victoria
esborrachada no Anno de 1910 P. Mário L. P. B.

FIG. I

cordam, mas restaurações que datam de um seculo e que, pelos caracteres, se reconhecem procedentes de uma mesma data e de um mesmo autor.

Não é mister uma grande perspicacia para se verificar isso. A identidade de epoca, de execução e de material é patente.

Entretanto é fóra de duvida que houve uma inscripção mais antiga nessas lages sepulchraes. A reforma ou melhor a restauração dos dizeres não fez, felizmente, desapparecer por completo todos os antigos caracteres. Em uma das lapides restauradas, a persistencia de alguns desses antigos caracteres chega até a produzir confusão, dificultando o sentido da phrase.

Na lapide mais distante da porta de entrada da sacristia (fig. n. 1), que é a do jazigo de Affonso Rodrigues, se lê o seguinte, traduzidas as abreviações :

«Aqui jaz Affonso Rodrigues, natural de Obidos, o primeiro homem que casou nesta egreja no anno de 1534 com Magdalena Alvares, filha de Diogo Alvares Corrêa, primeiro povoador desta Capitania. Falleceu o dito Affonso Rodrigues, no anno de 1561. Para os juizes do Santissimo Sacramento da UIC.^{TA}»

Deixo aqui intencionalmente intraduzida a ultima palavra abreviada dessa inscripção para se vêr como esta soffreu os retoques que acima alludimos. A palavra final, mantida na inscripção restaurada, com a graphia antiga que tinha, demonstra claramente que já naquelle data surgiram duvidas quanto ao verdadeiro sentido della. O Dr. Mello Moraes traduziu-a pela palavra *unicamente*, como se vê no Brazil Historico (1); mas, com um exame attento da inscripção, se verifica que não é outra cousa senão uma abreviação do nome *Victoria*, abreviação em que a letra U, inicial, tem o

(1) Brazil Historico, 2.^a Serie, Tomo. I pg. 137 e seguinte.

antigo valor de V. e em que a particula *da*, que a precede, não admite para a mesma abreviação o significado de um adverbio de modo.

O autor do «Brazil Historico» traduziu :

«Para os Juizes do Santissimo Sacramento *unicamente*» com olvido da particula sobredita, quando, na verdade, sem sacrificio della e do sentido da phrase, a redacção verdadeira desta é :

«Para os Juizes do Santissimo Sacramento da *Victoria*.»

A restauração das inscripções antigas, nas lápides sepulchraes, ainda é mais patente na do jazigo de Francisco de Barros (fig. II). Ahi a mão do restaurador deixou prova irrecusável.

Examinando-se bem a prova photographica dessa inscripção, notam-se, por entre as palavras de sua phrase derradeira, alguns caracteres mais apagados, porém ainda muito apparentes, e que são restos da inscripção primitiva.

Com effeito, a phrase final restaurada, escrita por sobre a antiga, deixou intercalados e bem visíveis, muitos dos caracteres desta. As letras E O depois do verbo FALLECEO, e o algarismo 1 do numero 19 antigo que persistiu unido ao A, simples preposição na inscripção nova, são disso provas palpaveis.

Por felicidade, esse defeito, que aliás não prejudica o teor da inscripção, ahi está para testemunhar-lhe uma antiguidade maior.

A inscripção lapidar desse jazigo tem aqui a maxima importancia do ponto de vista da historia desta egreja. O que nella se contem, si não é uma reivindicação ou protesto quanto ao texto da inscripção da pilastra externa é, pelo menos, um correctivo em relação ao que nella se olvidou.

A inscripção do jazigo diz assim, traduzidas as abreviações :

«Sepultura do capitão Francisco de Barros, fundador desta capella e egreja e de seus herdeiros. Falleceu a 19 de Novembro de 1621 Annos».

Esquecido na inscripção lapidar externa, que, como vimos, é uma synthese historica dessa egreja, o capitão Francisco de Barros nos apparece, evocado na lage grande que cobre a sua sepultura, logo ao entrar da sacristia, como o fundador da capella e egreja da Victoria, precedendo assim na construcção desta a João Corrêa de Britto e a seu irmão Manoel de Figueiredo. Si não é uma correccão ou protesto, essa inscripção enche pelo menos uma lacuna e como tal importa em uma contribuição valiosa.

Ao lado da sepultura de Francisco de Barros e entre esta e o jazigo de Affonso Rodrigues está o de João Marante, membro da familia Caramurú, como o eram os dous vizinhos, jazigo coberto com uma lapide menor ao nível do pavimento, como as outras, e partida no angulo inferior á direita. Nella se lê a seguinte inscripção, traduzidas as abreviações: (fig. III)

«Aqui jaz João Marante, natural de Coimbra, que casou com Izabel Rodrigues, neta de Diogo Alvares Corrêa, primeiro povoador desta Capitania. Esta sepultura pertence aos seus herdeiros e aos thesoureiros e escrivães do Santissimo Sacramento. 1809.»

Sem duvida nenhuma, as quatro inscripções lapidares de que aqui se trata não são de uma mesma epoca, comquanto tenham sido quasi todas restauradas no mesmo anno. Umas são, de facto, mais antigas do que outras.

A inscripção da pilastra externa é evidentemente de 1809 e foi feita com o fim de commemorar a data da ultima restauração do templo, logo após a chegada da familia real de Bragança ao Brasil.

As tres inscripções sepulchraes, sem excepção, foram, entretanto, reformadas ou renovadas nessa mesma epoca e uma dellas, a da sepultura de João Marante, traz até inscripto, na parte final, o anno de 1809. Comquanto se não percebam, nestas duas

ultimas, caracteres alguns apagados de inscripções anteriores, todavia me inclino a crêr que, pelo menos uma dessas inscripções sepulchraes, a de Affonso Rodrigues, é procedente de epoca anterior a 1809. O que, porém, está fóra da duvida e as provas são até palpaveis é que a inscripção lapidar do jazigo de Francisco de Barros, de 1809 que não traz gravado o anno da restauração, é anterior a essa data. Ella traz em si mesma os signaes de sua antiguidade maior. Para as duas outras que lhe ficam ao lado, a certeza da [restauração, á falta de signaes mais concludentes, pode mesmo ser attingida pela hypothese possivel de uma obra de primeira mão. Para essa do jazigo de Francisco de Barros, porém, os vestigios ainda tão apparentes de uma inscripção anterior e mais antiga, excluem uma tal hypothese. Assim, pois, do ponto de vista historico, o monumento de mais valor, entre esses que ora examinamos, é incontestavelmente o da sepultura do capitão Francisco de Barros, indicado na inscripção como fundador da capella e egreja de Nossa Senhora da Victoria.

III

Para o investigador que, no exame dessas inscripções sepulchraes, procura o fim ulterior dellas, o que resalta, entre tantas hypotheses cabiveis, é a intenção dos restauradores do templo de lhe fazerem a historia. Essas inscripções lapidares não visam outra cousa. Com a inscripção externa, a da base da pilastra, procurou-se fazer a synthese geral; com as tres outras do pavimento da sacristia os detalhes essenciaes, como elemento probante.

Ao dictarem os termos da inscripção externa, os encarregados da restauração do templo em 1809 tinham certamente de memoria as tradições correntes, a narração dos chronistas e historiadores, as notas genealogicas tão ao sabor da gente do seu tempo.

De acordo com a tradição corrente, e já acolhida por alguns historiadores, a inscrição lapidar consigna, logo de principio, *que a egreja da Victoria foi edificada no descobrimento da Bahia*, isto é, que a origem dessa egreja vem do periodo obscuro onde a historia não se faz com documentos, mas, sim, de acordo com esse sentir anonymo dos posteros a que chamamos tradição ou legenda.

Para confirmar este assérto, ahí está a inscrição lançada sobre o jazigo de Affonso Rodrigues em que se declara que este, genro do Caramurú, foi o primeiro homem que se casou nesta egreja em 1534. Em confirmação deste facto que coloca a fundação da egreja em data precedente á da vinda do donatario Coutinho, recorre-se ao successo, não provado, da arribada da armada de Martim Affonso de Sousa á Bahia nesse mesmo anno de 1534, quando de viagem para a India, celebrando o casamento o padre frei Diogo de Borba que vinha de capellão na dita armada.

O padre Jaboatão que, no seu Catalogo Genealogico, se reporta ao mesmo successo, ao tratar do casamento de Affonso Rodrigues com Magdalena Alvares, dá todavia o acto como realizado, não na egreja da Victoria, mas na da Graça, e não somente nos relata esse casamento da filha bastarda do Caramurú, mas também o de Felippa Alvares, irmã daquella, com Paulo Dias Adorno, actos ambos que, segundo o autor do *Novo Orbe Serafico Brasilico*, se effectuaram na egrejinha da Graça. (1)

A tradição, quanto ao local em que se realizou o casamento de Affonso Rodrigues é, portanto, discordante, e assim a prova de antiguidade da egreja, que se quiz inculcar com a inscrição lançada sobre o jazigo deste, fica enfraquecida com a competição da egreja da Graça que reclama para si o mesmo facto e consequentemente a mesma prova.

(1) Revista do Instituto Historico.—Tomo 52 p. 140

Não quero discutir aqui si a egreja da Graça é ou não mais antiga do que a da Victoria. O que me importa apurar é se esta já existia em 1534, como se deprehende da inscrição do jazigo.

Com a critica historica nada, com effeito, se pode apurar em relação á origem dessa egreja. Não ha documentos que o atestem, nem mesmo simples referencia de autor coeyo de que o facto logicamente se infira. Só a tradição, aliás incerta e duvidosa, o refere, e essa tradição, que nos vem de envolta com a legenda do Caramurú, quem primeiro a recolheu para a historia foi o chronista Simão de Vasconcellos (1). Este, porém, segue a versão que dá á egreja da Graça como sendo o sitio em que se celebraram aquelles actos religiosos. O chronista com effeito nos descreve o naufragio da nau castelhana em Boypeba, as visões repetidas que teve a Paraguassú, mulher de Diogo Alvares, até que este descobriu no canto da cabana de um selvagem a imagem da Virgem que o barbaro recolhera na praia, dentre os salvados da nau submersa; descreve como a Paraguassú obteve do marido a canstrucção de uma casa de barro onde se collecou a imagem que foi honrada com o titulo de Nossa Senhora da Graça e accrescenta: «Por este tempo, partindo para a India Martim Affonso de Sousa, veiu de arribada a tomar porto nesta barra; trazia comsigo Religiosos, os quaes entre as cousas do serviço de Deus, que aqui fizeram, foi baptizar na mesma egreja os filhos e filhas destes dous devotos da Senhora; das quaes uma casou nesta occasião com Affonso Rodrigues, natural de Obidos; outra com Paulo Dias Adorno, fidalgo genovez, que tinha vindo de S. Vicente, por causa de um homicidio.»

(1) Chronica da Companhia de Jesus—Tomo I Livro I pp. 25. 26

Vasconcellos, que publicou ou teve permissão para publicar a sua Chronica em 1662, foi evidentemente o inspirador do padre Jaboatão na parte em que este, no seu Catalogo Genealogico, nos refere o casamento de Affonso Rodrigues com Magdalena Alvares em 1534. Ambos os autores, porém, dão o casamento como realizado na Graça e, portanto, em contradição com os dizeres da inscrição lapidar do jazigo da Victoria a que nos temos referido.

Ora, está averiguado que o naufragio da nau castelhana em Boypeba occorreu em 1535, e que a armada do commando de Martim Affonso de Souza que, em 1534, seguiu para a India, não tocou no Brasil. De referencia a esses factos diz o padre Manoel Ayres do Casal, na sua Chorographia Brasiliaca: «O Padre Jaboatão, querendo assignalar a cada successo destes homens o tempo do seu acontecimento e, não encontrando guia, recorre a conjecturas que nada provam. Pensa que o naufragio de Corrêa acontecera pelos annos de quinhentos e deseseis até quinhentos e dezoito: que o da nau Castelhana fôra em quinhentos e trinta, accrescentando ter achado escripto (sem dizer aonde) que os Capellães de Martim Affonso de Souza baptisaram filhos e casaram filhas do mesmo Diogo A. C. em quinhentos e trinta e quatro, quando ia para a India.

«O que as nossas investigações, continua o autor da Chorographia, puderam descobrir de certo ou verosímil a estes respeitos, é que o naufrágio de Caramurú fôra em mil quinhentos e dez . . .

«Se alguns filhos de Diogo Alves Corrêa receberam o baptismo e algumas filhas contrahiram matrimonio antes da chegada do Donatario, deve a administração destes sacramentos ser attribuida aos Capellães da armada com que Martim Affonso ali entrou em mil quinhentos e trinta e um, e não aos da em que tres annos depois passou á India ;

porque nenhum dos escriptores, que falaram desta armada, faz menção de que arribasse no Brasil; sendo natural que, no caso de precizão, aportasse na sua colonia de S. Vicente.

«O naufragio da nau Castelhana foi em mil quinhentos e trinta e cinco. Era a capitana das duas com que o desgraçado Simão d'Alcaçova sahira de S. Lucar, em Setembro do anno precedente para a costa do Mar Pacifico; e retrocedendo de certa paragem do Estreito Magalhanico para porto de Lobos, foi ali assassinado pela soldadesca amotinada, que veiu encalhal-a na ilha de Boypeba quinze leguas ao Sul da Bahia de Todos os Santos.» (i)

Vasconcellos e Jaboatão certamente se equivocaram confundindo os successos da armada de 1531 com os da de 1534, ambas do commando de Martim Affonso. Aquella, sim, tocou na Bahia, aqui permaneceu durante alguns dias, deixou gente na terra e sementes para experimentar a qualidade della, travou relações com o Caramurú de quem faz até menção no seu roteiro de viagem, sendo então possível que os capellães dessa armada ministrassem os sacramentos do baptismo e do matrimónio a alguns dos filhos do mesmo Caramurú. Mas, assim sendo, taes actos religiosos não se podiam ter realizado na egreja da Graça, a qual, na opinião do chronista Vasconcellos, só se edificou depois do naufragio da nau Castelhana e do achado da imagem da Virgem, em 1535, isto é, quatro annos depois da passagem daquella armada.

O casamento de Affonso Rodrigues e Magdalena Alvares, na hypothese vertente, se realizou então em 1531, não na Graça, como opinam Vasconcellos e Jaboatão, mas algures, ou seja n'uma capella porventura existente no sitio da Victoria, como o affirma a inscripção lapidar, ou pe-

(i) Chorographia Brasilica, Tomo 2.º pp 88 e seguintes.

rante algum altar em casa privada, ou mesmo a bordo de um dos navios da armada.

O acto de casar ou baptisar não implica necessariamente a existencia de uma egreja ou capella. Em qualquer casa ou domicilio, ao ar livre, á sombra de uma arvore, perante os symbolos sagrados da nossa fé, estes sacramentos podem ser administrados, uma vez que as circumstancias o justifiquem. Nada impede tambem, e até parece o mais verosimil, que o facto se dësse a bordo, ao pé do altar que cada navio nesse tempo trazia invariavelmente.

Si outro facto mais positivo não occorrer ou não puder ser invocado em apoio desse que, na inscripção lapidar do jasigo de Aftonso Rodrigues, se apresenta em demonstração da existencia da egreja da Victoria antes de 1534, não resta depois disso senão uma tradição incerta e muito vaga a favor da alta antiguidade que se lhe inculca.

Passando agora da tradição ou da legenda para a Historia, o que vemos em relação a essa egreja, no seu inicio, ainda é o incerto e o conjectural.

O illustre historiador Varnhagen, ao descrever a chegada do donatario Coutinho e a fundação da Villa Velha, affirma em relação a essa egreja o seguinte: «Effectuára o donatario seu desembarque e primeiro estabelecimento logo da barra para dentro, á mão direita, na linda paragem que ainda hoje se chama da *Victoria*, pela primeira que ali alcançaram os colonos, quando de surpreza os atacaram os Barbaros, e a piedade lhes surggeriu uma capellinha á Rainha dos Céos, invocando-a n'um feito que julgaram milagroso.» (1)

O historiador fala aqui certamente, por conjectura, porque nenhum escriptor coevo affirmou isso antes delle. O que se sabe da fundação da séde da capitania de Francisco Pereira Coutinho

(1) Historia Geral do Brasil, 2.^a Edição, Tomo, I. p. 197.

isto é, a *Villa Velha*, tambem chamada *Povoação do Pereira*, é o que nol-o refere o Roteiro Geral nos termos que se seguem de aliusão ao donatario: «E com bom vento fez sua viagem até entrar na Bahia e desembarcou da Ponta do Padrão della para dentro e fortificou-se, onde agora chamam a *Villa Velha*; em o qual sitio *fez uma povoação e fortaleza sobre o mar*, onde esteve de paz com o gentio os primeiros annos, no qual tempo os moradores fizeram as suas roças e lavouras.» (1)

Ora, o Roteiro Geral é obra do fim do seculo XVI e o proprio Varnhagen o dá como sendo de 1587; trabalho minucioso, exacto, e, portanto preciosissimo documento para a historia e geographia do paiz, no primeiro seculo do descobrimento; e o Roteiro, no trecho acima transcripto, o que nos diz é que, nos primeiros annos, reinou a paz entre os colonos e o gentio da terra, não tendo havido lucta ao chegar o donatario, e que este *fez uma povoação e fortaleza sobre o mar*, sem a maxima allusão ao sitio da *Victoria* nem á egreja ou capella alguma.

Escriptores do seculo XVIII é que interpretam a *povoação e fortaleza sobre o mar* como sendo o local da *Victoria*.

Documento coévo, como, por exemplo, a carta de sesmaria de Diogo Alvares de 20 de Dezembro de 1536, (2) diz, porém, que a *fortaleza* e uma gambôa de pescar ficavam proximas. O documento diz textualmente: «...a cambôa de pescar que está ao pé desta fortaleza,» querendo isso exprimir que esta ficava a beira-mar, juncto do porto que ella devia defender, e identificada com a mesma povoação, porque assim era costume naquelles tempos e até porque o mesmo documento de sesmaria o con-

(1) Roteiro Geral, editado pelo Instituto Historico, em 1851; Cap. XXXVIII. p. 51, obra commentada pelo proprio Varnhagen.

(2) Historia Geral do Brasil de Varnhagen, Tomo I, p. 197.

firma quando usa das expressões: «...caminho do Conselho que vae pelas cabeçadas das terras dos moradores desta fortaleza...», por onde se vê que *povoação e fortaleza* se identificavam, formavam um todo, como mais tarde também se fez com a cidade do Salvador, fundada por Thomé de Souza. (1) Assim, portanto, a expressão: — «*povoação e fortaleza sobre o mar*», como se lê no “Roteiro Geral” não quer dizer senão que o donatário assentou o nucleo ou centro da povoação, que mais tarde se denominou *Villa Velha*, á beira-mar, embaixo, junto do porto, perto da aguada e não em cima no sitio da *Victoria*.

Frei Vicente do Salvador, historiador bahiano que escreveu em 1627, tratando desse assumpto, exprime-se nestes termos de referencia do donatário Coutinho: «...e desembarcando da ponta do Padrão da Bahia para dentro se fortificou, onde agora chamam *Villa Velha*....» (2) Portanto, a *Villa Velha*, segundo o historiador bahiano, ficava onde o donatário se fortificou, e está averiguado que a fortificação, por elle feita, erguia-se á beira-mar, no mesmo sitio, proximamente em que ora está o velho forte de S. Diogo, na base do outeiro de Santo Antonio da Barra.

De conformidade com isso, ha documento de 1629, onde se lê que *certa Maria de Carvalho obteve chãos juncto a ermida de Santo Antonio em Villa Velha* (3), e essa ermida de Santo Antonio não é outra senão a de que faz referencia o Roteiro Geral de 1587, quando se exprime nestes termos: «A barra principal da Bahia é a da banda de leste a que uns chamam a barra da cidade e

(1) Era este o costume naquelles tempos, quando se assentava povoação entre barbaros;—fazia-se um forte primeiro para que á sua sombra se podesse povoar.

(2) Historia do Brazil, Cap. VII, pag. 43 e seguinte.

(3) Historia Territorial do Brasil, Tomo I, pg. 61, ob. do Dr. Felisbello Freire.

outros de Santo Antonio, por estar juncto della da banda de dentro, em um alto, uma sua ermida...» (1) Assim, pois, até o começo do seculo XVII, o que se entendia por *Villa Velha* era uma povoação á beira-mar, juncto do forte e onde se achava, em um alto, a ermida de Santo Antonio.

O historiador Pedro de Magalhães Gandavo, em 1576, de referencia a essa povoação, apontada entre as tres que então se contavam na Capitania da Bahia de Todos os Santos, dizia: «*Outra está juncto da barra*, a qual chamam *Villa Velha*, que foi a primeira povoação que ouve nesta capitania.» Para este historiador tambem a *Villa Velha* ficava *juncto da barra*, perto desta, ao passo que o sitio da *Victoria* fica no alto do monte, cerca de dous kilometros distante.

Até o começo do seculo XVII, a *Villa Velha*, da fundação do donatario, assim se descrevia e se situava de acordo com os historiadores mais antigos, nenhum delles sequer fazendo allusão ao sitio da *Victoria*. Foi só depois do meiado do seculo XVII, que se começou a deslocar para esse ponto a posição da *Villa Velha*, pois que até esse tempo, o proprio Vasconcellos, que em sua *Chronica* de 1662 offerece ensejo para essa interpretação erronea, dizia na mesma *Chronica*, de referencia ao donatario «*Coutinho*: «... veiu a desembarcar da ponta do padrão para dentro e *começou a fortificar-se e povoar junto ao mar*, onde agora chamam *Villa Velha*.» (2). Como por aqui se vê, ainda em meiados do seculo XVII, a *Villa Velha* ficava *junto ao mar* onde o donatario *começou a fortificar-se e povoar*; isto é, o donatario lançou os fundamentos da povoação na praia junto ao forte, o que está de inteiro acordo com os velhos documentos.

Entretanto, é no proprio Vasconcellos que os escriptores subsequentes vão encontrar apoio á

(1) *Roteiro Geral*, 2.^a Parte, Cap. XVII, pg. 128.

(2) *Chronica da Companhia de Jesus*, Liv. I, p. 24.

AQUI JAZ
AFFONSO ROIZ
NATURAL DE O
BIDOS, OPR HOM
EM QUE CAZOU
NESTA JCREIA
NO AN DE 15
COM MAGDALE
NA, ALZ FILHA
DEDIOGO ALZ
COR PRIMR FOVO
ADOR DESTA CAP
FALECEO ODÍTC
AFFONSO ROIZ
EM 1561
POSUZ DOSS SA
CRAM DA UIC

FIG. II

asserção então nova de que o assento da Villa Velha foi na Victoria. E' o trecho da Chronica em que, descrevendo elle o estabelecimento do Caramurú entre os Tupinambás, diz: « Assentou suas casas naquelle raso, que hoje se vê em Vilha Velha, além de Nossa Senhora da Victoria, cujas ruinas ainda agora dão signaes.» (1) Parece que aqui o chronista se contradiz, mas, na verdade, não ha nisso contradição alguma. A Villa Velha, cujo assento principal foi á beira-mar, abrangia, no seu districto esses e outros bairros, uns anteriores e outros posteriores á fundação da Villa. Assim, por exemplo, *n'aquelle razo* em que o Caramurú, segundo o mesmo chronista, assentou suas casas, se formou o bairro da Graça, *cujas ruinas ainda agora*, em 1662, *dão signaes*; no sitio de Nossa Senhora da Victoria, constituiu-se mais tarde outro bairro, já na direcção da cidade, e no caminho que ligava esta á séde de Villa Velha. Este é que é o verdadeiro sentido das expressões do Chronista, ao tratar de um logar em *Villa Velha alem de Nossa Senhora da Victoria*. Em boa logica, ninguem poderá dizer jamais que elle teve em mente assignalar que a Villa Velha foi no sitio da Victoria, como depois delle affirmou o padre Jaboatão, quasi um seculo depois, descrevendo essa Villa como fundada pelo donatario “no sitio da Victoria, contiguo á Nossa Senhora da Graça, em que tinha o Caramurú a sua moradia.” (2)

Bêm se vê que Jaboatão paraphrasêia aqui a Vasconcellos, concluindo, porém, de mais, isto é affirmando o que elle não quiz ou não pôde afirmar.

O chronista da Companhia de Jesus o que affirmou foi que o donatario asentára a sua povoação de Villa Velha *junto ao mar* e, fazendo

(1) Idem, idem, pag. 26.

(2) Vide o « Novo Orbe Serafico Brasilico », do Padre Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão.

menção de um logar no districto da Villa ou no seus arredores, aqueile em que o Caramurú, a seu ver, tinha a sua moradia, apontou esse logar *naquelle razo* além de Nossa Senhora da Victoria, cujas ruinas ainda em seu tempo davam signaes. O que, em boa logica, se pode concluir daquellas expressões do Chronista em relação á Victoria é que a egreja ou capella dessa invocação, já em 1662 existia e assignalava um logar nos arredores da Villa Velha. Mais do que isso não se pode tirar de suas expressões tão concisas.

Jaboatão, entretanto, apoiando-se não se sabe em que documentos, affirma que a Villa Velha fundada pelo donatario, foi no sitio da Victoria. Sebastião da Rocha Pitta, autor da "Historia da America Portugueza" e contemporaneo do Padre Jaboatão, não affirma isso positivamente, diz que «A Villa Velha havia sido fundada meia legua distante da cidade para o Sul, visinha á barra, de alegre e dilatada vista pelos grandes horizontes maritimos que descobre, porém com pontos menos accommodados para as embarcações, assim por alguns recifes que estão pelas suas praias, como por bater nellas furioso o mar. Hoje, acrescenta o historiador bahiano, nem as suas ruinas permanecem, para darem vestigios da sua grandeza; só a sua memoria se conserva pela tradição.» (1)

Pitta, como se vê de suas palavras, antes propende para opinião contraria á do autor do *Novo Orbe Serafico*. Segundo elle, a Villa Velha havia sido fundada meia legua da cidade para o sul, *visinha da barra*, mas em seu tempo, em 1727, nem já as ruinas della permaneciam para darem vestigio da sua grandeza. A Villa, que era visinha da barra, tinha desapparecido. Da Villa Velha restava entretanto o nome, applicado ao districto que o autor descreve nestes termos: «Todo aquelle terreno se

(1) Historia da America Portugueza, Livro 3.º p. 100, obra mandada publicar em 1727.

acha ocupado de fazendas de arvoredo; as suas ribeiras de fabrica de pescarias. He retiro agradavel, accrescenta, pela frescura e amenidade do territorio, devotissimo com a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Victoria,....» (1) Assim, pois, na opiniao do auctor da Historia da America Portugueza, a Villa Velha da fundaçao do donatario, desaparecida ja em 1727, não era na Victoria, mas *visinha da barra*. (2)

Não obstante, quasi todos os historiadores, que se seguiram a Jaboatão, adoptaram-lhe a opiniao de que a Victoria foi o assento primitivo da Villa Velha.

O padre Manoel Ayres do Casal, autor da preciosissima Chorographia Brasilica de 1817, seguiu a mesma versão, mas tomando por guia o “Roteiro Geral” de que transcreve o trecho que se segue de referencia á vinda do donatario Coutinho: «E feita sua viagem, desembarcou da Ponta do Padrão para dentro e fortificou-se no sitio, onde está a Matriz de Nossa Senhora da Victoria.» (3) O codice de que o autor da Chorographia copiou esse trecho certamente que está deturpado, porque, daquelle de que Varnhagen fez a publicação e commentario não consta a minima referencia á Matriz da Victoria (4).

(1) Idem, idem, ibidem.

(2) De uma carta de Francisco Martins (?) Coutinho, escripta da Bahia (Villa Velha) em 1536, documento encontrado na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, se vê que a posição da villa era a que lhe assignamos, isto é, junto do porto. Diz a carta: «Poz a villa no melhor assento que achou, em que tem feito casas para cem moradores e tranqueiras de redor e uma torre ja no primeiro sobrado.» (Materiaes e Achegas, Tomo I. pg. 77 e 78) O assento da villa foi onde se fez a torre ou forte, e este ficava onde ora está o forte de S. Diogo, perto da cambôa de pescar.

(3) Chrorographia Brasilica ou Relação Historico - Geographica do Reino do Brasil, etc. impressa no Rio de Janeiro, na impressão Regia, em 1817. Tomo II. pag. 92.

(4) Vide pagina:... O codice de que se serviu Varnhagen foi um dos tres da Bibliotheca de Evora, cotejado com outros.

Portanto, pode-se dizer que até meados do seculo XVIII, a opinião então corrente, entre os autores de maior nota que trataram desse parte da nossa historia, era a de que a Villa Velha, fundada pelo donatario Coutinho, ficava á beiramar, junto da Barra, perto do forte que ahi construiu o mesmo donatario, e junto ao qual havia uma cambôa de pescar que pertenceu a Diogo Alvares. Dessa epocha em diante, porém, depois do Padre Jaboatão, é que começou a prevalecer, não se sabe bem com que fundamento, a versão contraria, isto é, que a Villa Velha de Pereira Coutinho foi no sitio da Victoria.

Coutinho, com effeito, não podia ter começado a sua povoação na Victoria, longe da barra, cerca de dous kilometros, longe da aguada, longe do forte. Coutinho se situou lá embaixo e lá fez o centro e cabeça da sua capitania. Isso, porém, não exclue a hypothese de que o donatario mesmo construisse, no seu tempo, uma ermida ou capella sob a invocação de Nossa Senhora da Victoria, no alto do Outeiro Grande, ainda que um tanto isolada da povoação.

E' possivel que o fizesse, mas isso não passa de simples conjectura, sem base na historia. Aquella *maneira de egreja* que o Padre Manoel da Nobrega diz ter encontrado na povoação que antes era, logo ao chegar com Thomé de Souza em 1549, não pode, em rigor, ser attribuida ou applicada á egreja da Victoria. Mais provavel é que o Padre se referisse á qualquer casa de oração mais ao pé do

Ignora-se a copia do Roteiro de que se serviu Casal. Que esse codice de que o auctor da Chorographia Brasilica se serviu está deturpado basta attender que trocando ou substituindo o nome Villa Velha pelas expressões « onde está a Matriz de Nossa Senhora da Victoria », deixa de descrever esta matriz; quando aliás tão minudentemente descreve todas as egrejas, capellas e ermidas da cidade da Bahia e seu reconcavo, até mesmo as dos engenhos e fazendas.

povoado, lá em baixo, pois que a segurança dos moradores, ao celebrarem os seus actos religiosos, não era cousa que se desprezasse no meio da numerosa gentilidade daquelles tempos, em boa parte inimiga, e que, pouco havia, se revoltára, obrigan- do o donatario a fugir, com perda total da colonia e até com sacrificio da propria vida, como depois se verificou.

Essa *maneira de egreja* ou casa de oração talvez ficasse nas immediações do forte, e mui provavelmente sobre o outeiro a cavalleiro deste, onde hoje se vê a egreja de Santo Antonio da Barra, a qual, de principio, foi uma simples ermida cuja origem ainda hoje se desconhece, mas de que o "Roteiro Geral" de 1587 já faz menção, como acima vimos.

Não devemos, entretanto, aqui deixar sem reparo uma opinião sobremaneira respeitável, por ser de quem é, e de referencia á egreja da Victoria. E' a opinião do Padre Antonio Vieira, manifesta por estas palavras do seu sermão, pregado em Santo Antonio, a 13 de Junho, poucos dias depois que Mauricio de Nassau levantou o cerco que puzera a esta cidade do Salvador, em 1638: «E para que nos não falte a assistencia da "Senhora" a quem o primeiro templo que levantou Portugal na Bahia foi em nome da Victoria, dando vivas á mesma "Senhora", digamos: Ave Maria.» (1)

Como se vê, na opinião do insigne pregador e mestre da lingua, o primeiro templo, construido por Portuguezes na Bahia, foi dedicado á Nossa Senhora em nome da *Victoria*. Mas é preciso que

(1) O *Chrysostomo Portuguez* ou Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus, etc. pelo Padre Antonio Honorati — Lisboa — 1890. Sermão pregado na egreja de Santo Antonio Além do Carmo, no dia do mesmo Santo, quinze dias depois de levantado o cerco da cidade? que durou 40 dias. Quando pregou este sermão, Vieira tinha 32 annos de idade e 25 de residencia na Bahia, tendo-se ordenado presbytero em 1635.

se note que Vieira fala um seculo depois dos sucessos que estamos narrando e que já então as duvidas e conjecturas davam logar a versões diferentes, servindo de pasto á legenda. Vieira, como mais tarde o Padre Jaboatão, talvez colhesse na tradição o que naquelle trópo oratorio nos transmittiu e quem sabe se não teve elle, em mão, alguma copia do manuscripto, do "Roteiro Geral" de 1587, manuscripto de que, como vimos, se fizeram varios codices, com variantes e deturpações em alguns, segundo o que se viu daquelle trecho transcripto pelo Padre Casal na sua *Chorographia*, a que antes nos referimos.

O que está verificado é que entre os muitos codices do "Roteiro Geral", uns ha que consignam a versão aceita por Vieira ou que a ella deu origem, isto é, que a Villa Velha foi fundada onde está hoje a matriz de Nossa Senhora da Victoria e outros, como, por exemplo, o seguido por Varnhagen, que adoptam versão opposta, collocando a povoação do donatario á beiramar. Que esta ultima versão é a verdadeira, já o vimos do cotejo com documentos coévos e do exame destes.

Si a egreja de Nossa Senhora da Victoria, segundo opinam alguns, e a inscripção lapidar o affirma, já existisse em 1549, não é de crér que o Padre Nobrega o não referisse claramente com declamação expressa da invocação que ella tinha, e escusava de vir com aquella expressão tão modesta para indicar uma cousa qualquer que servia então de egreja e a que nem siquer a denominação de *ermida* ou *capella* se podia bem applicar.

IV

E' facto averiguado para a historia bahiana, pois que consta de documento irrefragavel, que em 1549, ao chegar aqui a expedição de Thomé de Souza, havia em Villa Velha, na povoação que an-

tes era, uma *maneira de egreja*. São ás sexpressões do Padre Manoel da Nobrega.

Não se sabe bem si, nos dous annos que se seguiram, a povoação teve grande incremento e si essa *maneira de egreja* foi substituida por alguma construcção mais nobre, capaz de receber o tratamento de egreja matriz. Em 1549, não havia na localidade mais que *uns quarenta ou cincuenta moradores*, dil-o o mesmo Nobrega em a sua primeira carta escripta do Brasil. (1) Era, portanto um nucleo ainda muito pequeno de christãos, que pouco teria augmentado em 1552. Não obstante, dizem alguns autores, dil-o a inscripção lapidar da base da pilastra que a *egreja de Nossa Senhora da Victoria* foi *erecta em parochia em 1552*, isto é, no mesmo anno em que chegou á Bahia o primeiro bispo D. Pedro Fernandes Sardinha.

Muita duvida, perante a critica, se levanta quanto á criação dessa parochia de Nossa Senhora da Victoria de Villa Velha em 1552.

Nesse tempo não havia clérigos bastantes para as necessidades da população da propria capital. Os Jesuitas, companheiros do Padre Nobrega, supriam a falta como podiam. Nesse anno, sim, criou-se a freguezia ou curato da Sé, sendo o primeiro cura empossado o Padre João Lourenço.

O serviço religioso em Villa Velha era então feito pelos Jesuitas que o faziam gratuitamente. Segundo nol-o refere o Padre Simão de Vasconcellos, era o proprio Nobrega que, depois de dizer missa e pregar na egreja do Collegio, na cidade, até certas horas, «...e logo a pé com um bordão na mão (por haver então falta de sacerdotes, diz o autor) ia á Villa Velha, dizia missa outra vez

(1) Na "Informação do Brasil e de suas Capitanias" de 1584, attribuida ao Padre José de Anchieta se diz: «... haveria até seis ou sete homens Portuguezes, rodeados de todas as partes de contrarios.» "Materiaes e Achégos para a Historia e Geographia do Brasil" n.º 1. de Julho de 1886, p. 3

e, dita ella, pregava e confessava até mais não haver.» (1)

Na velha povoação, com um nucleo ainda pequeno de moradores ou freguezes, e, quem sabe, com *aquella maneira de egreja* ainda para séde dos actos religiosos, difícil, senão impossivel era sustentar-se uma parochia, independente da da cidade.

Em 1560, segundo se vê de uma carta do Padre Rui Pereira, ainda não havia sacerdote, com residencia permanente na Villa Velha; era o Padre Luiz da Grã quem lá ia para os actos religiosos. (2)

Havia então grande falta de sacerdotes: atestam-n' o as cartas dos jesuitas coévos. Os que naquelle tempo viviam na Bahia são todos conhecidos, têm os seus nomes na Historia e nenhum foi vigario da Villa Velha.

Por effeito do *pídroado*, concedido pela Santa Sé aos reis de Portugal, os vigarios e curas eram de nomeação regia, eram funcionários publicos, recebendo as suas congruas da real Fazenda. Nas suas parochias tinham direito aos emolumentos por baptisados, casamentos e enterros, actos estes que só elles, ou outro qualquer sacerdote devidamente autorisado, podiam praticar.

Ora não ha noticia de nenhum vigario para a Villa Velha, entre os funcionários nomeados nesse tempo para a Bahia. Consta, sim, a do Pa-

(1) Chronica da Companhia de Jesus, Liv. I. p. 68. Veja-se a carta escripta aos Irmãos de Portugal onde se lê o seguinte: O Padre Nobrega se ficou n'esta Capitania da Bahia, com o Padre Salvador Rodrigues, o qual tinha cuidado dos meninos, e por isso carregava tudo no Padre Nobrega, o qual confessava todos os dias da Quaresma e aos Demingos dizia duas missas, e pregava duas pregações uma n'esta cidade, e outra na Villa Velha, com andar cada Domingo uma legua, assim de ida como de vinda...» (Revista do Inst. Hist. Tomo, 43. Parte I., p. 87 e seguintes.)

(2) Carta do Padre Rui Pereira aos da Companhia em Portugal, escripta da Bahia a 11 de Setembro de 1560, publicada por Accioli nas Memorias Historicas da Bahia, Tomo 3.º p. 235 e seguintes.

dre João Lourenço, cura da Sé. Ainda, em 1610 para 1612, segundo se vê da “*Razão do Estado do Brasil*” (1) não ha congrua consignada para o parocho da Villa Velha, na relação completa das despesas com a Egreja.

Os enterros, casamentos e baptisados de moradores de Villa Velha vinham-se fazer na cidade. O velho Diogo Alvares Caramurú, fallecido a 3 de Outubro de 1557, não se sepulta na sua parochia de N. Senhora da Victoria, si é que ella já existia ; trazem-n'o os seus parentes a enterrar-se na cidade, na egreja do Collegio, conforme o assento feito pelo cura João Lourenço.

Jorge Moraes Corrêa, neto do Caramurú, vem baptisar-se na Sé a 20 de Abril de 1558. Catharina Alvares, neta tambem do Caramurú, baptisa-se na Sé a 18 de Julho de 1559. Antonio Luiz, filho de Helena Alvares, e neto tambem do Caramurú, baptisa-se igualmente na Sé a 13 de Novembro de 1558.

O Padre Jaboatão, no Catalogo Genealogico, nos cita mais de um exemplo de moradores de Villa Velha que ahi falecendo, vinham enterrar-se na cidade. Tambem do mesmo Catalogo, tão abundante em datas relativas aos actos religiosos parochiaes, não consta nenhum destes, realizados na freguezia da Victoria de Villa Velha, entre 1552 e 1627.

O que destes factos se pode inferir é que a freguezia da Victoria ainda não funcionava, ou por falta de parocho, ou então porque realmente ainda não tinha sido creada.

Nos archivos do Arcebispado da Bahia nada de positivo se encontra de referencia á creaçao dessa freguezia. A inscripção lapidar da pilastre dá a egreja da Victoria como erecta em parochia, pelo bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, em 1552.

(1) Velho manuscrito do começo do Seculo XVII, existente na Biblioteca do Instituto Historico do Rio de Janeiro.

Não se sabe em que documentos se fundou o autor da inscripção para precisar essa data. Pesquisando-se nos velhos livros dos mesmos archivos, vamos encontrar nas “*Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*” feitas e ordenadas por D. Sebastião Monteiro da Vide, em 1707 e publicadas em Lisbôa em 1719, na parte final que é um catalogo dos Bispos do Brasil, contendo algumas notas biographicas de cada um, o seguinte trecho, que para aqui trascrevemos, de referencia ao primeiro bispo, D. Pedro Fernandes Sardinha. O trecho diz assim: «...nos poucos annos que assistiu no Brasil, erigiu tres parochias, a saber: a da Sé desta cidade, a de Nossa Senhora da Victoria, extra muros, e a de S. Jorge da Villa dos Ilheos.» (1)

Nesse trecho das “*Constituições*” é que se inspiraram quantos sobre essa freguezia da Victoria escreveram. Ignacio Accioli, ahí certamente se inspirou quando, nas “*Memorias Historicas e Politicas da Província da Bahia*”, ao tratar do primeiro bispo, diz que elle “deixou eretas as freguezias da Sé, Victoria e a de Vera Cruz dos Ilheos.» (2)

Sobre o assumpto controvertido não ha nenhuma outra asserção mais positiva do que estas das “*Constituições*” e de Accioli, as quaes, entretanto, differem na expressão restrictiva — *extra muros* — que Accioli não conservou, e que muito importa á intelligencia do texto transcripto e do objecto em debate. Segundo as “*Constituições*” a Nossa Senhora da Victoria, *extra muros*, deve referir-se á Victoria dos suburbios da cidade do Salvador, a da Villa Velha do donatario Coutinho; segundo o texto do Accioli, a interpretação, tambem cabivel, é que a freguezia da Victoria, erecta no governo do primeiro bispo, foi a da capitania do

(1) Vide obra citada, na parte final, Catalogo dos Bispos do Brasil, p. 3.

(2) *Memorias Historicas e Politicas da Prov. da Bahia*, Tomo 3.^o Secção Quarta, p. 209. Edição de 1836.

Espirito Santo do donatario Vasco Fernandes Coutinho.

As "Constituições" não precisam a data da criação da freguezia, como se lê na inscrição lapidar, o que dizem é que ella se deu no governo do primeiro bispo. A asserção, porém, vem sem explicativas e desacompanhada de provas.

O autor do "Catalogo dos Bispos do Brasil", annexo ás "Constituições", não é muito seguro na sua exposição e em mais de um ponto se equivoca na relação dos feitos do primeiro prelado. E' assim que nos refere que esse bispo chegára á Bahia no dia 1.^o de Janeiro de 1552, data que Accioli aceitou sem critica, quando está averiguado, por documento emanado de testemunha presencial, que a chegada de D. Pedro Sardinha foi a 22 de Junho, na *bespora da bespora de S. João*, como expressivamente o declara o Padre Nobrega na sua carta da Bahia, desse mesmo anno de 1552, ao Padre Provincial de Portugal. (1)

A criação da freguezia em 1552, freguezia suburbana, não se compadece, porém, com os factos que temos adduzido. Tudo leva a crêr que reina aqui, como no facto da construcção da propria egreja, uma lamentavel confusão.

O bispo da cidade do Salvador da Bahia, era commisario geral de toda a costa do Brasil e exercia jurisdição sobre todas as capitanias, e no tempo do governo de D. Pedro Sardinha (1552—1556), as capitanias povoadas eram as de Itamaracá e Pernambuco ao Norte da Bahia e as de Ilheos, Porto Seguro, Espírito Santo e S. Vicente ao Sul. Nas capitanias do Norte havia apenas as povoações de N^a. Senhora da Conceição de Itamaracá, Olinda e Igaraçú, conhecida tambem pela denominação de Villa dos Santos Cosmos. Nas do Sul havia as de

(1) Cartas do Brasil do Padre Manoel da Nobrega, nos "Materiaes e Achégos para a Historia e Geographia do Brasil." N.^o 2 — Dezembro de 1886 — p. 94

Vera Cruz dos Ilhéos, Porto Seguro, Victoria do Espírito Santo, Villa Velha, S. Vicente, Itanhaém e Piratinha com Santo André, no alto dos campos.

Algumas destas povoações, aliás todas ellas vilas, tinham seus vigarios ou curas desde época anterior á criação do bispado; outras os tiveram depois. Entre estas, se vê das "Constituições", tres foram elevadas a parochia durante o governo do primeiro bispo: a Sé desta cidade, a *Victoria* e os *Ilhéos*.

A parochia de Nossa Senhora da Victoria, eretta, nesse tempo, não teria sido porventura a da Capitania do Espírito Santo?

Não conseguimos ainda tirar a limpo a data da criação da freguezia na villa que era a séde da Capitania de Vasco Fernandes Coutinho. Mas está averiguado que ella, nesse tempo, já tinha o seu vigario, como se vê das cartas do Padre Francisco Pires.

Na capitania do Espírito Santo como na da Bahia, o começo da colonisação iniciou-se por modo identico. Lá como aqui, fundou-se de principio uma povoação á entrada da barra de sua bahia; lá como aqui se transferiu pouco depois a povoação primitiva para outro ponto mais no interior da dita bahia: lá como aqui a denominação de *Villa Velha* ficou a designar a povoação mais antiga e, por cumulo de similaridade, lá como aqui o orago da egreja é Nossa Senhora da Victoria. O "Roteiro do Brasil" de 1587, a que nos temos referido, descreve a fundação dessa villa, na Capitania do Espírito Santo, nos seguintes termos de referencia ao donatario Vasco Fernandes: «...partiu do porto de Lisboa com bom tempo e fez sua viagem para o Brasil, onde chegou a salvamento á sua capitania; em a qual desembarcou e povoou a villa de Nossa Senhora da Victoria, a que agora chamam a *Villa Velha*, onde se logo fortificou, a qual em breve se fez uma nobre villa para aquellas partes.» (1)

(1) Roteiro Geral, Parte I, Cap. XLII, p. 72 e seguintes.

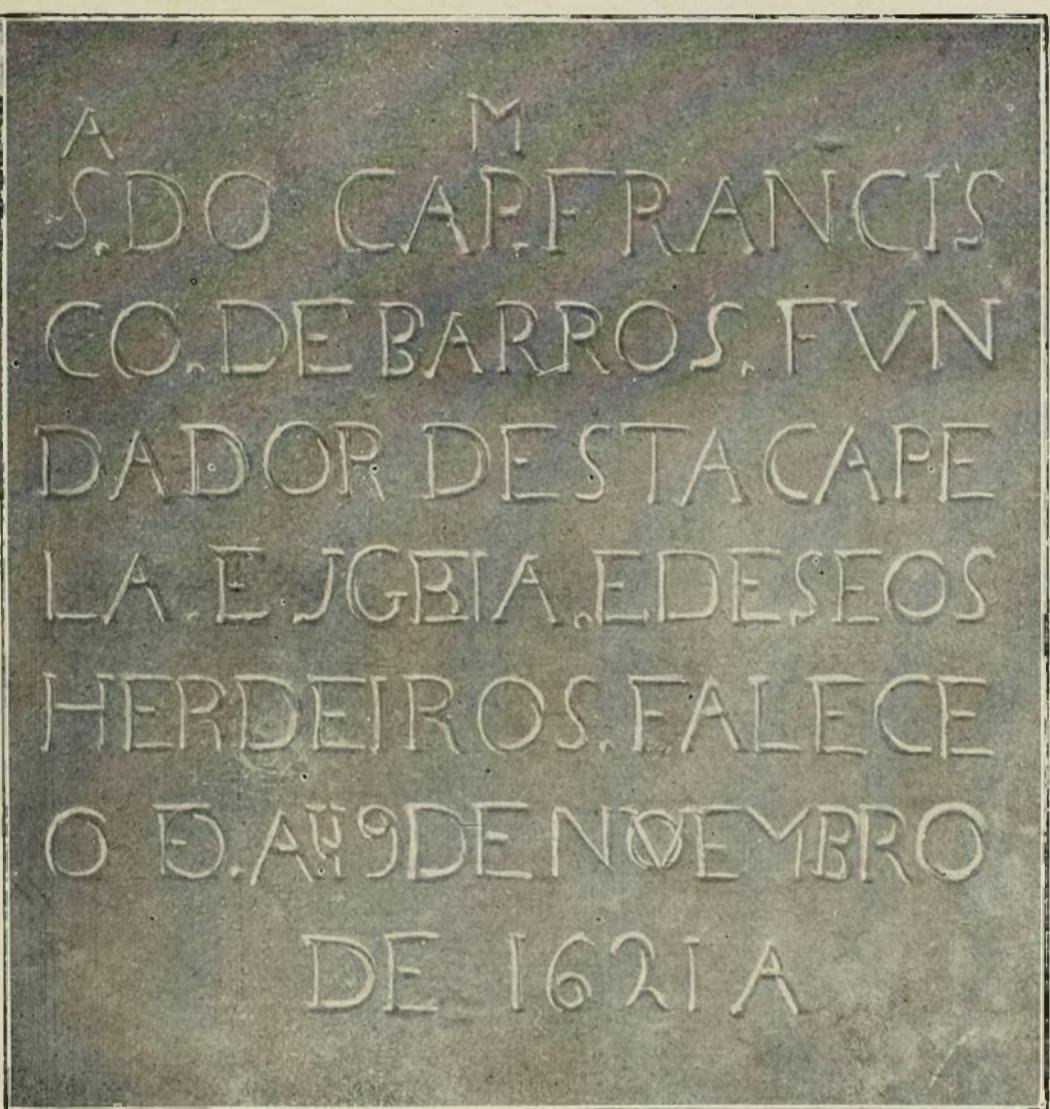


FIG. III

Nesse tempo, portanto, havia na Capitania do Espírito Santo assim como na Bahia, uma povoação primitiva que se denominava *Nossa Senhora da Victoria da Villa Velha*. (1) Não estará aqui a causa da confusão no que diz respeito a criação da parochia?

Pode ser que nos enganemos, mas o que é facto é que do vigario da parochia na Capitania de Vasco Fernandes ha noticia desde meiados do seculo XVI e do vigario da parochia de Villa Velha do donatario Coutinho só se tem noticia no começo do seculo seguinte. Os actos parochiaes como os de baptisados, casamentos e enterros de pessoas notaveis da familia Caramurú, domiciliada na Villa Velha da Bahia, se realizam na Sé, na freguezia da cidade. Os assentos desses actos, mais antigos, existentes nos archivos do arcebispado, relativos á egreja da Victoria só alcançam até 1627; não constam outros mais antigos.

De tudo isso o que se infere é que a parochia da Victoria ou não existia ainda ou não teve parocho por longos annos.

A existencia da propria egreja é até contestável nesse tempo.

(1) Frei Vicente do Salvador, na sua Historia do Brasil, assim se exprime sobre a fundação da Villa, por Vasco Fernandes Coutinho, na Capitania do Espírito Santo: «... foi entrar no Rio do Espírito Santo, o qual está em 20 gráos; onde logo á entrada do rio, da banda do Sul, começou a edificar a Villa da Victoria que agora se chama a Villa Velha em respeito da outra Villa do Espírito Santo que depois se edificou uma legua mais dentro do rio, em a Ilha de Duarte de Lemos, por temor do gentio:...» (Hist. do Brasil, Livro II, cap. IV p. 39.)

Por carta do Padre Antonio Pires, de 2 de Agosto de 1551 se sabe que a capitania do Espírito Santo era das mais prosperas neste tempo. Dizia o Padre: «Affonso Braz e Simão Gonçalves estão ao presente em Espírito Santo, têm começado uma casa, em a qual temos esperanças que se criarão muitos meninos dos gentios, porque é terra mais abastada, e melhor de todo esta costa, segundo dizem todos.» (R. I. Hist. vol. 6.^o p. 95 e seguentes.)

O "Roteiro Geral" que, como vimos, é uma fonte preciosa para a Historia e Geographia do paiz no seculo XVI, nenhuma referencia faz a essa egreja, e sendo, como é, obra minuciosissima na descripção e enumeração das egrejas, capellas e ermidas existentes no paiz, com referencia até das que se erigiram pelos engenhos e fazendas do re-concavo da Bahia, muito é para notar que nenhuma palavra diga quanto á egreja de Nossa Senhora da Victoria si ella já existia e funcionava como matriz parochial; entretanto lá está referencia mui explicita á ermida de Santo Antonio da Barra da Villa Velha, que aliás não desempenhava função tão elevada. Não é de crêr que a um observador tão minucioso e attento, qual se revela o autor do Roteiro, tenha escapado facto tão importante. O que é possivel é que essa egreja da Victoria não existisse ainda nessa epoca e si porventura alguma capella dessa denominação se erigiu outr'ora nessa paragem, já a esse tempo não era senão ruinas de que não valia a pena se fazer menção.

A inscripção lapidar sobre a sepultura do Capitão Francisco de Barros tem então todo cabimento quando o declára *fundador da capella e egreja da Victoria*.

O capitão-mór Francisco de Barros, morador e proprietario em Villa Velha, foi um dos homens mais prestantes do seu tempo; era portuguez e se ligára á familia do Caramurú pelo seu casamento com Garcia de Figueiredo, neta de Diogo Alvares. (1) Tomou parte nas luctas travadas contra os indios e na repulsa dos inimigos estrangeiros que no seu tempo assaltaram a Bahia varias vezes. O seu animo esforçado jamais se arrefeceu, nem mesmo com a velhice e os achaques.

(1) Catalogo Genealogico do Padre Frei Jaboatão, na Revista do Instituto Historico, Tomo 52, pp. 115 e 122.

Religioso e bravo, parece que se comprazia em fazer obras pias em memoria dos feitos d'arma em que o seu braço collaborava. De acordo com a inscripção que se lê no seu sepulchro, foi elle quem coustruiu primeiro uma capella dedicada á Nossa Senhora da Victoria, que mais tarde reedificou com as dimensões de uma egreja.

Naquelles tempos, a fé era o incitamento maior para as conquistas. As victorias alcançadas não significavam senão que o catholicismo triumphava e se expandia e, então, consagrava-se esse triumpho erguendo-se templos á Mãe de Deus, sob a invocação de Nossa Senhora da Victoria ou egrejas e capellas sob a invocação de um santo protector.

Dous importantes feitos ocorreram, nessa epoca que, decerto, explicam a construcção da capella e depois egreja de Nossa Senhora da Victoria: a conquista de Sergipe e a restauração da cidade da Bahia do dominio hollandez. Em ambos os feitos tomou parte ou foi testemunha o capitão Francisco de Barros.

A guerra ou conquista de Sergipe abalou profundamente o animo publico. Varias causas para isso predispunham.

O territorio de Sergipe, como o das Alagôas visinho do rio S. Francisco, tornou-se couto de Francezes, que ali entretinham commercio com os naturaes e acirravam os odios destes contra os Portuguezes. Entre a Bahia e Pernambuco, as duas capitâncias então mais prosperas do Brasil, o gentio de Sergipe e das Alagôas tornou-se um perigo constante que as autoridades não podiam por mais tempo tolerar. Estava ainda mui viva na memoria de todos a morte do primeiro bispo D. Pedro Sardinha, a lamentavel hecatombe do Cururipe e S. Miguel em que tambem perderam a vida Antonio Cardoso de Barros e outras pessoas de qualidade da cidade do Salvador, devorados pelos Cahetés, affronta que até ali se não vingára. Por ultimo, em 1587, deu-se a negra trahição do gentio de Sergipe,

o qual, fingindo-se amigo e desejoso de receber o christianismo, mandou pedir ao governador geral, Monoel Telles Barreto, que lhe dësse soldados que o acompanhassem e defendessem, porque queria vir para a Bahia á doutrina dos Padres da Companhia, que, na emergencia lhe serviram de intercessores e terceiros com o governador. Reluctou este; reuniu conselho, em que os mais experimêntados nos costumes e trahições do gentio foram de parecer que se lhe não dessem os soldados. Christovam de Barros então Provedor-Mór da Fazenda, disse que se respondesse ao gentio que si quizesse vir, viesse embóra e seria bem recebido e favorecido de tudo. Prevalesceu, porém, o parecer dos Jesuitas, allegando a importancia da salvação daquelle gentio que se queria vir ao gremio da Santa Madre Egreja, e o bom Governador lhe deu cento e trinta soldados brancos e mamalucos que, com alguns indios mansos da Doutrina dos Padres, se passaram a Sergipe em companhia dos emissarios. Avisado o gentio, esperou-os á margem do Rio Real, da outra parte, com *tejupares* ou cabanas que construiu a proposito, regalou-os com caças e pescados e lhes entregou suas proprias mulheres e filhas, o que foi notado pelos praticos como um mau signal, visto ser este gentio mui cioso dessas cousas. Confiados de mais na amizade do gentio, os soldados bem depressa relaxaram a disciplina, espalharam-se pelas aldêas, deixando as armas ás concubinas e indo-se a passeiar de uma parte para outra com um bordão na mão. Entupiram-lhes os arcabuzes com pedras e bitume as concubinas que, tomndo-lhes a polvora dos frascos, lhos encheram de pó de carvão, « e feito isto, diz Frei Vicente do Salvador a quem aqui seguimos, vieram uma madrugada gritando aos nossos que se armassem, que vinha outro gentio seu contrario, sendo que elles mesmos eram os contrarios e, como os nossos estivessem tão descuidados e se não pudessem valer das armas, alli foram todos mortos como ovelhas ou cordeiros,

sem ficarem vivos mais que alguns Indios dos Padires que trouxeram a nova, a qual o Governador sentiu tanto que quizera ir logo pessoalmente tomar vingança... » (1)

Grande foi o alvorôço na Bahia ao saber-se de tal nova. Todos pediam a guerra. O governador apparelhou-se para ella; avisou, recommendando aos capitães-móres de Pernambuco e de Itamaracá que se fizessem prestes para por uma parte e por outra accometterem aquelle gentio e lhe infligirem juntos o merecido e já tardio castigo; mas enfermou pouco depois e veiu a falecer a 27 de Março de 1587. Sucedendo-lhe o governo trino do Bispo D. Antonio Barreiros, do Provedor Mór Christovam de Barros e do Ouvidor Geral Martim Leitão, o desforço contra os indios de Sergipe não foi abandonado, antes pelo contrario muito se estimulou com a entrada de Christovam de Barros para a governação, visto estar elle muito desejoso de vingar aquella trahição e principalmente a morte de seu pae, o malogrado Antonio Cardoso de Barros.

Apparelharam-se com ardor os homens de guerra; convidaram-se os do Reconcavo e alguns de Pernambuco; declarou-se a guerra justa, segundo as leis em vigor, o que importava a autorisação de escravizar os indios que nella se tomassem e, com isso e com a sêde da vingança, accenderam-se os animos e se formou um grande exercito em 1589, o primeiro e mais numeroso que desta terra se partiu. Commandava-o Christovam de Barros. Na vanguarda delle ia por capitão Antonio Fernandes, e na retaguarda Sebastião de Faria, homem rico e mui prestante. Um corpo de exploradores, ao mando dos irmãos Rodrigo Martins e Alvaro Rodrigues com cento e cincuenta homens brancos e mamalucos e cerca de tres mil frecheiros indios, seguiu na frente, pelo sertão, atacando as aldêas

(1) Historia do Brazil, Livro IV, cap. XVII, pp. 136, 137

e desbravando os caminhos sem mais resultado que o de levar por diante o grosso dos inimigos que, por fim, congregados lhe pozeram apertado cerco. Avisado Christovam de Barros que, com o grosso das forças, seguia mais de espaço, acellerou a marcha pelo caminho ao longo do mar, onde atravessou rios caudalosos, construiu pontes, aterrrou brejos para dar passagem a artilharia composta de seis peças de bronze, dous falcões e uma peça de colhêr, e se apresentou perante o inimigo ainda em tempo de desopprimir a gente do corpo de exploradores.

O gentio de Sergipe era numeroso e atrevido. *Mbaepera*, o principal de maior prestigio dentre as tribus desse gentio, concentrára na varzea do Vasa Barris, perto da costa, cerca de vinte mil frecheiros e, com elles entrincheirados em tres cercas, esperou a pé firme o embate das forças commandadas por Christovam de Barros.

No dia 1.^o de Janeiro de 1590, o chefe indígena, sempre batido e repellido em todos os combates parciaes, empenhou-se por fim n'uma batalha geral, como golpe decisivo de que esperava sair-se vitorioso. O choque fei tremendo; os barbaros irromperam, com furia, das suas cercas, todos a um tempo, despedindo nuvens de flechas, e quasi que levam de vencida os Portuguezes, aliás já senhores de uma das cercas.

Era já noite, quando, por um rasgo de audacia de Christovam de Barros, a victoria se declarou pelos da Bahia. Na refrega morreram mil e seiscentos dos indios, fazendo-se-lhes quatro mil prisioneiros.

Este importante feito d'armas, decoroso para os soldados e de grande proveito para os da expedição, fez epoca na historia da Colonia.

Com grandes mostras de alegria recebeu a cidade do Salvador a noticia da victoria sobre os barbaros. Sergipe estava conquistado, e o seu gentio desbaratado ou reduzido á escravidão.

Distribuiram-se terras, repartiram-se os escravos pelos expedicionarios, e os engenhos de assucar da Bahia vieram assim a receber grande reforço de braços para a sua lavoura.

Livrou-se a cidade das ameaças dos Francezes, que, segundo consta, apoiados no gentio de Sergipe, projectavam um golpe de mão sobre a capital. A ligação entre Pernambuco e a Bahia, por meio de uma estrada ao longo do mar, tão necessaria á segurança e prosperidade da colonia, ficou por esse modo estabelecida e assegurada.

O commandante da expedição aquinhôou-se bem nas terras coquistadas, fundou uma povoação que deixou fortificada e a que deu o nome de S. Christovam, junto á foz do rio Sergipe e da confluencia do Poxim e, por consagração de tão importante feito d'armas, ergueu ahi um templo á *Nossa Senhora da Victoria*. (1)

A volta do exercito triumphante não podia deixar de impressionar á população da capital da colonia. Consideraveis eram os despojos da victoria e mui grande o effeito moral della.

As festas religiosas entravam então por muito nas expansões de jubilo desse povo e a conquista que se acabava de realisar era um verdadeiro triumpho para a Egreja. O bispo, D. Antonio Barreiros estava no governo da colonia; os Padres da Companhia de Jesus que, desde o governo de Luiz de Britto, vinham preparando essa conquista, acabavam de realisar o seu plano acalentado de tantos annos.

Teria sido nessa epoca que o capitão Francisco de Barros lançou os fundamentos da Capella de *Nossa Senhora da Victoria* de Villa Velha? Obedeceria acaso á uma intenção votiva essa deliberação do capitão?

(1) Historia da America Portugueza de Sebastião da Rocha Pitta, no livro 2.^o, descrvendo a Provincia de Sergipe del Rey, diz que a cidade de S. Christovam é a sua capital, com sumptuosa matriz da invocação de *Nossa Senhora da Victoria*. Pg. 75

Não se sabe ao certo. A capella, porém, que elle construiu parece ter começado nesse periodo de luctas que precede á guerra hollandeza e em que a victoria bafejou sempre ás nossas armas. Fei nesse periodo, entre a conquista de Sergipe e a guerra contra a Hollanda que as luctas se multiplicaram. Em 1589, uma esquadra ingleza do commando de Roberto Wittrington força a barra, bombardeia a cidade, e, não podendo tomá-la, põe-se a deprender os engenhos e povoações do reconcavo, por mais de mez, sendo afinal repellida pelos habitantes socorridos pelos indios da Doutrina que acudiram ao appello do Padre Christovam de Gouvêa, visitador dos Jesuitas.

Em 1597 foi mister socorrer a Parahyba, ameaçada pelos Potiguaras e pelos Francezes. Uma armada de seis navios e cinco caravellões com gente da Bahia, em que parece tomou parte o capitão Francisco de Barros, seguiu para o Norte e, unida ás forças de Pernambuco, libertou a Parahyba e realizou a conquista do Rio Grande.

Em 1599, navios hollandezes entram de surpresa na Bahia, mas são repellidos pelos moradores. Em 1604, outra esquadra hollandeza de sete naus do commando de Paulo Van Carden, surge diante da cidade, toma no porto uma urca carregada, incendeia outra, mas não consegue fazer desembarque, sendo vitoriosamente repellida nos diversos pontos do Reconcavo que acometteu.

A todos esses successos, coroados de victoria, assistiu o capitão Francisco de Barros que a inscrição lapidar nos aponta como o fundador da capella e egreja de Nossa Senhora da Victoria. A construeção desse templo, com a invocação que tem, parece obedecer á intenção de consagrar um feito memoravel. Qual foi, porém esse feito, a Historia não nos o diz; mas, ponderadas bem as circumstancias, nenhum dos successos desse periodo tormentoso, teve mais alcance e produziu maior impressão na colonia do que esse da con-

quista de Sergipe. A capella primeira que, nessa paragem da Villa Velha, construiu Francisco de Barros, no mesmo local em que outr'ora existiu quiçá outra capellinha, de origem ignorada, talvez se refira, com mais exacção, á conquista daquella região dentre o Rio Real e o S. Francisco.

Outro grande feito memorável que, a meu vêr, explica a construcção da egreja, em substituição da capella, pelo mesmo fundador é o da restauração da cidade do dominio hollandez, em 1625.

A inscripção lapidar indica o falecimento do capitão Francisco de Barros como ocorrido em 1621, e, portanto anterior á tomada da cidade pelas tropas da Hollanda. A inscripção, porém, incorre em erro, como passamos o demonstrar.

O capitão Francisco de Barros falleceu em data posterior a 1625, pois, assistiu á tomada da cidade e á sua ulterior restauração pelos Portuguezes. Frei Vicente do Salvador, escriptor coévo, que esteve prisioneiro dos Hollandezes nesse tempo e conheceu pessoalmente a Barros, descrevendo o desembarque das forças inimigas no dia 9 de Maio de 1624, nos refere o seguinte episodio: « Os do porto da Villa Velha estavam com os seus arcabuzes feitos detraz do matto para os dispararem ao desembarcar dos batéis; porém, vendo ser muito maior o numero dos inimigos não os quizeram esperar; quiz detel-los Francisco de Barros na Villa Velha, animando-os, ainda que velho e aleijado; mas iam tão resolutos, que nem bastou esta amoestação, nem outra que lhe fez o padre Hyeronimo Peixoto, pregador da Companhia, o qual os foi esperar a cavallo, dizendo-lhes porque fugiam, pois tinham por todo aquelle caminho de uma parte e outra mattos onde se podiam embrenhar e a seu salvo fazer a sua batalha sem os inimigos saberem donde lhes vinham. » (1)

(1) Historia do Brasil; Livro V. Cap. XVII. pp. 206, 207.

Si, pois, ainda que velho e aleijado, o capitão Francisco de Barros intervém na luta, tentando conter os fugitivos e desanimados arcabuzeiros em Villa Velha, força é concluir que a data do falecimento do fundador da egreja de Nossa Senhora da Victoria está errada na inscrição lapidar do seu jazigo.

O capitão Francisco de Barros não era ainda falecido em 1621. O historiador bahiano, testemunha presencial dos successos, o atesta.

A' inscrição lapidar que, como acima dissemos, passou por uma restauração, certamente que, pelo apagado dos caracteres e algarismos primitivos, trouxe-se-lhe um numero por outro por occasião dessa restauração. Mui provavel é que a data da primeira inscrição fosse 1627 ou 1629 e que o algarismo final 7 ou 9, pela ação do tempo, se confundisse com o algarismo 1, aceito pelo restaurador.

Francisco de Barros, portanto, esteve presente ao acto da restauração da cidade; sobreviveu á ella, e, assim sendo, a construcção da egreja de Nossa Senhora da Victoria, que é obra sua, assinala provavelmente esse feito memorável, a victoria das armas portuguezas sobre as de Hollanda, o triumpho final do catholicismo sobre a herezia. (1)

(1) Fizeram-se grandes festas em ação de graças por tão-assinalado feito. Eis o que a respeito diz Frei Vicente do Salvador, testemunha ocular: « Depois se fez o mesmo em as outras egrejas pela mercê da victoria alcançada e se fizerem officios pelos catholicos que nella morreram. Aqui confesso eu minha insufficiencia para poder relatar os jubilos, a consolação, a alegria que todos sentiamos em ver que nos pulpitos, onde se haviam pregado heresias se tornava a pregar a verdade de nossa Fé Cathólica, e nos altares, donde se haviam tirado ignominiosamente as imagens dos Sanctos, as vimos já com reverencia restituidas e sebretudo viamos já o nosso Deus em o Santissimo Sacramento do altar, do qual estavamos havia um anno privados, servindo-nos as lagrimas de pão de dia e de noite, como a David quando lhe diziam os inimigos cada dia: « Onde está o teu Deus? » E depois de lhe darmos por isso as graças, as davamos tambem ao nosso Catholico Rei por haver sido por meio de suas armas o instrumento deste bem. » (Hist. do Brasil, Liv. V. Cap. 43, p. 244 e seguintes.)

A construeção da egreja, em substituição da capella, deve ter sido realisada de 1625 a 1627 e, assim, o fundador della pouco lhe sobreviveu, vindo a falecer neste ultimo anno, ou no de 1629, mui provavelmente.

Não se encontra, com effeito, em escriptor coevo, ou documento antigo anterior a 1587, referencia alguma positiva á essa egreja ou capella. Do começo do seculo XVII, já um documento, como esse da "Razão do Estado do Brasil" nos mostra, n'uma carta geographicā da Bahia de Todos os Santos, a *Villa Velha* representada por uma egreja, mas sem especificação se essa egreja é a de Nossa Senhora da Graça ou a de Nossa Senhora da Victoria. Em todo caso, a carta que parece datar de 1611, já assignala a existencia de uma egreja em *Villa Velha*. Em 1647, porém, um documento de procedencia hollandeza, qual a carta geographicā da Bahia de Todos os Santos, annexa á obra de Barleus, já representa mui claramente e por seu proprio nome a *egreja de Nossa Senhora da Victoria*, indicada entre outras construções igualmente figuradas no distrito de *Villa Velha*, como, por exemplo, a egreja da Graça, a residencia ou casa do bispo (Episcopi domus) que é a actual egreja de S. Antonio da Barra, o forte de S. Diogo e outras fortificações vizinhas.

Depois disso, de meados do seculo XVII para cá, as referencias a essa egreja não faltam nas chronicas nem nos documentos do tempo, o que nos faz crér que a data da fundação della cae no primeiro quartel do seculo XVII, e mais provavelmente de 1625 a 1627. Foi, nessa epoca tambem, que, segundo parece, se criou a parochia de *Villa Velha*, com séde nessa egreja, de que foi o primeiro vigario o Padre Marçal Rodrigues Corrêa, brasileiro e da familia Caramurú (1) á qual tambem se

(1) Catalogo Genealogico do P.e Jaboatão — Rev. Inst. Hist. Tomo 52 p. 85

ligára, como vimos, por laços de consanguinidade o proprio Francisco de Barros.

De velho documento de sesmaria de 1609 se verifica, com effeito, que Barros era genro de Apolonia Alvares, terceira filha de Diogo Alvares com a india Paraguaçú, e irmã de Anna Alvares, que se casára com Custodio Rodrigues Corrêa, natural de Santarem, paes, estes ultimos, do referido padre Marçal. Barros era, portanto, casado com uma prima co-irmã do padre. Este não se sabe quando assumiu as suas funções parochiaes. A julgar-se pelos livros manuscriptos de assentos de casamentos, baptisados e obitos, os mais antigos que se encontram no Archivo do Arcebispado, relativos á freguesia de Nossa Senhora da Victoria, o padre Marçal começou a parochiar a Villa Velha em 1627.

Taes assentos não vão além dessa data, (1) donde se pode inferir que si a egreja começou a construir-se em 1625, no mesmo anno da restauração da cidade, em 1627 já estaria provavelmente terminada, sendo então elevada á parochia e provida de parocho. Foi nesse anno que se começaram os enterramentos na nova egreja parochial, e a sepultura do fundador, o qual, como vimos, teria falecido nesse mesmo anno ou em 1629, foi decerto aberta no interior do templo, onde ainda hoje se vê.

Muito é para notar que o Padre Frei Sta. Maria Jaboatão que nos dá a genealogia do padre Marçal Rodrigues Corrêa, com a indicação de que fôra Vigario da Villa Velha e povoação do Pereira, não nos diga si, com effeito, foi esse sacerdote o primeiro parocho que teve essa Freguezia ou si teve elle antecessores e em que epoca começou a exercer o seu sagrado ministerio.

O autor do Catalogo Genealogico nos dá o Padre Marçal como o filho mais velho do consorcio

(1) Brasil Historico do Dr. Mello Moraes; Serie 2.^a Anno I. — 1866 — p. 49.

AQUI JAZ
JOAO MARANTE
DE COIMBRA O CA
ZOU COM IZABEL
ROÍZ NETA DE DIO
GO. ALZ COR PR
POVOADOR DESTA
CAP ESTA SEP PF
ASEOS. HER DR EA

OSTHEZONTE
RIO DOSS SACRA

1869

Fig. IV

de Custodio Rodrigues Corrêa, portuguez, e Anna Alvares, mamaluca, filha de Diogo Alvares, sem indicação, porém, da data do seu nascimento, a qual, só por approximação se pode deduzir das dos baptisados de dous dos seus irmãos mais moços, Paulo, baptisado a 15 de Abril de 1556, o terceiro dos filhos do casal, e Jorge Alvares Corrêa, o quinto, baptizado na Sé a 27 de Abril de 1558. Um calculo approximativo nos leva com estes dados aos annos de 1552 ou 1553 como os da data provavel do nascimento do Padre Marçal, que, assim, em 1627, contaria já os seus setenta e quatro annos, mais ou menos.

O padre deve ter pertencido ao numero dos que primeiro se ordenaram sacerdotes no Collegio dos Jesuitas desta cidade. Não foram muitos os seus companheiros, é certo. Em 1585, talvez ao tempo em que cursava o seminario o Padre Marçal, os alumnos de theologia e os que ouviam a lição de casos de consciencia no Collegio não alcançavam uma dezena. Anchieta dizia delles: « Os estudantes nesta terra, alem de serem poucos, tambem sabem pouco, por falta dos engenhos e não estudarem com cuidado, nem a terra o dá de si por ser relaxada, remissa e melancolica, e tudo se leva em festas, cantar e folgar.

«Porém, por ser nesta terra, não se faz pouco fructo com elles e já ha alguns casuistas que são vigarios, e alguns artistas mestres nellas, e dous ou tres theologos pregadores que pregam na cathedral desta cidade e conejos da egreja-mór e vigarios das parochias. » (1)

O Padre Marçal era irmão de Isabel Rodrigues, casada com *João Marante*, o mesmo cuja inscrição sepulchral aqui apresentamos, aliás sem a data do falecimento, e cuja sepultura fica entre a de

(1) Informação da Provincia do Brazil para Nossa Padre, escripta da Bahia em Dezembro de 1585, publicada nos "Materiaes e Achégos" N.º 1 de 1 Julho de 1886 pp. 37. 38.

Francisco de Barros e a de Affonso Rodrigues, ao entrar na sacristia.

João Marante, portuguez, natural de Coimbra, falleceu sem successão (1); viveu na Bahia pelos fins do seculo XVI e começo do seculo XVII. Em 1608 ainda se lhe concediam terras de sesmaria nas margens do rio Jaguaripe, visinhando com as que se concederam depois a Pedro Velho, que foi Conego da Sé. Era contemporaneo e parente de Francisco de Barros, o fundador da capella e egreja.

No decurso de meio seculo, a egreja, construida pelo Capitão Barros, precisou de serios reparos e entrou em reedificação. Encarregaram-se disso, como se vê da inscripção da pilastra, João Corrêa de Brito e seu irmão Manoel de Figueiredo, descendentes ambos, em quarta geração, do Caramurú. Fallecidos, porém, antes de terminada a obra, encarregou-se della, concluindo-a a 10 de Junho de 1666, um sobrinho delles e herdeiro, da ordem de S. Bento de Aviz e capitão de mar e guerra do galeão Nossa Senhora do Populo, cujo nome aliás, na inscripção, se não me menciona, mas que decerto é Francisco Pereira de Castro, pessoa de grande representação no seu tempo e com bons serviços á causa publica nas guerras hollandezas.

Nesse anno precisamente, as populações, até aqui opprimidas pela guerra, tomaram-se de um grande pavor, por effeito de phenomenos que se tiveram por prodigiosos e por calamidades que se tornaram geraes. Um phemoneno extraordinario, já-mais observado na Bahia, ocorreu nesse anno, crescendo, por tres vezes em trez dias alternados, o mar, com aguas tão altas que saiu dos seus naturaes limites, assoberbando as praias e terras proximas, deixando-as cobertas de innumeravel e metido pescado, que os moradores colhiam, mais attentos ao appetite que ao prodigo, ufanos de lhes

(1) Catalogo Genealogico já citado. p. 85.

trazer o mar voluntaria e prodigamente tão copioso tributo. (1)

Seguiu-se ao prodigo, certamente produsido por um movimento sismico em ponto submarino, apartado das costas, uma terrivel epidemia de variola, importada de Pernambuco e com tal virulencia que raro foi o domicilio que ella não invadiu e tantas eram as victimas quantos os habitantes, caindo todos a um tempo e não havendo muita vez, em uma casa, quem pudesse curar dos enfermos, nem sahir á cata de recursos.

A mortandade foi tanta e tanto o terror panico que ella produziu que a cidade se despovoou e desertas ficaram as aldêas e povoações convisinhias.

Seguiu-se a essa calamidade outra não menos terrivel, a fome. A escravaria dos engenhos e fazendas perecera em grande numero em consequencia das bexigas. Familias ricas e nobres empobreceram com a perda total dos seus escravos. As culturas ficaram em abandono por largo tempo, resultando disso a geral carestia e a falta quasi total dos mantimentos. Refere Rocha Pitta que foi tão consideravel e geral essa ruina que ainda em seu tempo se experimentavam os prejuizos e consequencias della.

Viu a ignorancia do povo, nessas calamidades successivas, o signal da colera do céo, annunciada um anno antes por um grande cometa « que, diz o autor da America Portugueza, por muitas noites tenebrosas, ateado em vapores densos, ardeu com infausta luz sobre a nossa America e lhe anunciou o damno que havia de sentir. »

Innumeras foram, nesta angustiosa conjunctura, as demonstrações de piedade, as devoções, os sacrificios, as mostras de caridade como as pro-

(1) Rocha Pitta, Historia da America Portugueza, Livro VI. §, 20, 21, 22, e seguintes.

vas de fé, e foi assim que as populações se ergueram, affrontando o flagello.

Ainda desta vez, a reedificação do templo da Victoria memória, consagra, ou pelo menos, coincide com uma epoca de extraordinarios successos na historia da Bahia.

Em 1809, com a chegada da familia real de Bragança, tem esse templo nova e mais radical restauração.

A passagem do Principe Regente por esta cidade, inicio de um regimen novo, começo de uma era de prosperidade e de grandeza que nos dá o Brasil elevado a reino, o Brasil centro e cabeça da Monarchia Portugueza, o Brasil aberto ao commercio de todas as nações, o Brasil no ádito de sua independencia, esse acontecimento notabilissimo da nossa historia tinha tambem de ficiar memorado, consagrado nesse templo, cujo destino parece condizer com os nossos fados.

Com o auxilio de tres mil crusados, dados pelo proprio Principe, quando aqui esteve em 1808, e com os donativos de varios bemfeiteiros, a Confraria do Santissimo Sacramento reedificou totalmente a egreja de Nossa Senhora da Victoria; mudou-lhe a frente, que era voltada para o poente, em sentido opposto, com face para o largo ou praça actual; (1) deu-lhe á fachada a architectura baroca que ora se remodela com mais arte e elegancia; restaurou-lhe os altares, os monumentos e até as inscripções antigas, referentes á historia desse templo e que servem de objecto ao presente estudo.

Pertence á familia do Caramurú a construção inicial e as reedificações successivas por que

(1) Em 1757, o Vigario Manoel de Lima informando a El' Rei sobre a sua freguezia de N. S. da Victoria, diz que a egreja matriz estava situada em um alto sobre a marinha, *olhando para o poente*. Portanto, a reforma que mudou a fachada da egreja em sentido opposto, isto é, para oriente, foi a de 1809.

passou esse templo. A historia delle não nos recorda somente os actos de benemerencia e de piedade de membros dessa familia illustre a quem tanto deve o ~~agradecimento~~ desta terra, ella é a propria historia da Bahia, encerrando episodios dos mais dramaticos da historia nacional.

en/ lu

O templo, em si mesmo, é um monumento integrado ou que aos poucos se constitue a cada feito memoravel da historia patria, no transcurso de mais de tres seculos. Mergulha as origens, como a nossa propria origem, no obscuro da legenda e vem crescendo, surgindo do sólo, avultando á proporção que avançamos na historia cujos grandes feitos elle memora.

Capellinha de aspecto humilde com a sua cobertura de *palmas* com as quaes costumamos symbolisar a Victoria, é nella, segundo reza a legenda, que se recolhem na prece os naufragos do mar e os proceres da nossa civilisação nascente. Depois é a egreja, mas egreja que, na factura como no proprio material, se renova, se transforma a cada feito memoravel, reflectindo as nossas alegrias, os nossos triumphos como os nossos infortunios, memorando uma conquista, assignalando uma victoria, das nossas armas e da nossa fé, testemunhando as grandes calamidades publicas, recordando, no sanctuario que por ultimo se restaura, voltado a oriente, o ádito da independencia nacional.

As inscripções lapidares, na sua fria linguagem, que o proprio tempo não respeita, não dizem tudo. Nas cinzas que elles cobrem ou que elles consagram ja não palpitan no seu calor de guerreiros e de conquistadores de sertão os vultos de Francisco de Barros, de João Marante, de João Corrêa de Brito, de Manoel de Figueiredo, de Francisco Pereira de Castro e quiçá de Affonso Rodrigues, este de longinqua e obscura tradição de tres seculos. O monumento, porém, que elles ergueram, ahi está, ainda uma vez renovado, como um legado perpetuo á posteridade, em testemunho dos

seus feitos e como um sanctuario em que se refletem as nossas victorias e os nossos infortunios, e em que se recolhem, como n'um pantheon, as tradições glorioas da patria.

THEODORO SAMPAJO.

Bahia, 4 de Junho de 1910.



===== NOTA =====

A egreja de Nossa Senhora da Victoria, como acabamos de ver, passa agora por mais uma reconstrucção, pelo menos em parte, e, ainda uma vez, consoante ao seu passado já tão longo, ella está a corresponder, com esta ultima reforma, á uma phase historica da nossa capital.

Não ha negar que a cidade do Salvador entra presentemente em phase nova.

Um sopro de renovação e de progresso a vivifica.

A população cresce, attingindo já a duzentos e cincuenta mil almas. Os melhoramentos se multiplicam e alguma cousa de moderno começa a se fazer sentir, modificando o velho aspecto de cidade colonial. As obras do saneamento, começadas pelas do abastecimento d'agua e proseguindo a construcção de uma vasta rête de canalisação de esgotos, executam-se parallelamente com as obras do porto, as quaes ganhando sobre o mar extensa área para novas edificações, vão dotar o nosso commerçio maritimo com um soberbo caes de atracação servido de apparelhos modernos. Ao par dessas obras que por si só bastariam para assignalar uma epoca, introduzem-se na cidade melhoramentos não menos importantes como, por exemplo, a reforma completa da viação urbana por tracção electrica, as construcções novas, quer publicas, quer particulares, feitas com mais gosto architectonico, a começar pela do novo edificio da Faculdade de Medicina que é uma construcção vasta, monumental e incom-
bustivel; a bella capella no estylo gothico do Asylo Pereira Marinho ao Garcia; a egreja dos Capuchinhos na Piedade, reformada no seu frontespicio; a matriz de Santo Antonio, reconstruída aos esforços de Monsenhor Tapiranga; o novo e bello edificio do Lyceu Salesiano do Salvador; o Instituto Clinico; a Maternidade; a nova estação dos bonds da Linha Circular; a Caixa Economica; o edificio reformado da Delegacia do The-
souro Federal; o palacio do governo, retocado na sua architec-
tura exterior; o novo edificio do Quartel General na Palma; o da Escola de Aprendizes Marinheiros; numerosas reconstrucções de predios na cidade baixa, em substituição de velhos sobrados incendiados, e de varios palacetes nos bairros ricos. Ao mesmo tempo, com a entrada de alguns artistas italianos, vindos para as obras da Faculdade, introduziu-se na decoração interna dos predios, a pintura elegante da arte nova e de bom gosto esthetic. Melhoraram-se os processos de construcção com o emprego do cimento armado, e dos tijolos de modello novo nas edificações em geral. Uma corrente immigratoria de europeus, operarios, artistas, commerçiantes e industriaes já vae fazendo sentir a sua

acção no meio bahiano, introduzindo habitos novos, criando industrias novas, accentuando a phase de renovação em que a nossa capital innegavelmente entrou.

A egreja da Victoria, ora melhorada aos esforços do Reverendissimo Vigario Monsenhor Solon Pedreira, junto aos seus parochianos, é interiormente um bello templo, bem illuminado, e com quatro altares, sendo que o altar-mór, dourado e em estylo-baroco, encerra um nicho com uma bella imagem de Nossa Senhora da Victoria da altura de um metro e cincuenta centimetros. Os outros altares lateraes, dous delles tambem dourados e no mesmo estylo, são dedicados, um á Santa Anna e outro á Nossa Senhora do Rosario da Confraria dos Homens Pretos ; o quarto que está a ornar a gruta de Nossa Senhora de Lourdes, ao lado direito dí porta principal, foi erigido pelo Rvmo. Vigario em 1892, que nelle instituiu as devoções dos SS. CC. de Jesus e Maria, com grande fervor e acceptação entre as familias mais distintas da parochia.

Um córo espaçoso e varios tribunas completam o arranjoamento da nave, cujo recto se reparte longitudinalmente em tres secções por grades de ferro, a modo de balustrada. Ha mais na sacristias, com entradas lateraes, onde, alem do serviço parochial, têm suas sédes as Confrarias do SS. Sacramento e de N. S. do Rosario, acima referida.

011905

